

**XXI COLÓQUIO
HEIDEGGER**

Caderno de Resumos

EDITORES

Eduardo Adirbal Rosa

Marcelo Lopes

Róbson Ramos dos Reis

São Paulo, Outubro de 2016

Comissão Organizadora

Alexandre Ferreira – UNIFESO

Eder Soares Santos – UEL

Róbson Ramos dos Reis – UFSM

Tito Marques Palmeiro – UERJ

Comissão Científica

André Duarte – UFPR/Brasil

Edgar Lyra Neto – PUCRJ

Fernando Fragozo – UFRJ

Marco Antônio Casanova – UERJ

Editores

Marcelo Lopes

Róbson Ramos dos Reis

Eduardo Adirbal Rosa

Projeto gráfico/diagramação: Ana Luisa Videira

13 OUTUBRO

10:30-12:00 → Conferência

Zeljko Loparic (PUCPR)

Heidegger e a Psicanálise

14:00-16:00 → Mesa 1

Coordenador: **Sandro Sena**

Andres Augusto Díaz Saenz (Colombia)

Síndromes de fuga: la depresión y otras “enfermedades” para huir

Alexandre Ferreira (UNIFESP)

O mundo da técnica e os limites do corpo e da dor: considerações sobre o documentário “Love Child” (2014) à luz de Heidegger e Cassirer

Claudia Drucker (UFSC)

Há um lugar para a música no pensamento de Heidegger?

16:30-18:30 → Mesa 2

Coordenador: **Róbson Ramos dos Reis**

Manuel Ávila Vázquez (Univ. Pedagógica y Tecnológica de Colombia)

Mártires y proscritos: sufrimiento y poder

Juan Carlos Ávila (Universidad Militar Nueva Granada, Colômbia)

La deshumanización en medicina frente al dolor y el sufrimiento del paciente

Marco Casanova (UERJ/CNPq)

Hiperestesia e anestesia: sobre a dor e o sofrimento em meio à metafísica da ausência

14 OUTUBRO

9:00-10:30 → Mesa 3

Coordenador: **Edgar Lyra**

Acylyne Cabral (UFBA)

Uma visão fenomenológico-hermenêutica da corporeidade

João MacDowell (FAJE)

A corporeidade na perspectiva existencial

10:45-12:15 → **Mesa 4**

Coordenador: **Tito Marques Palmeiro**

Róbson Ramos dos Reis (UFSM/CNPq)

O utensílio quebrado e órgão inapto: problemas ontológicos na abordagem existencial da enfermidade

José Carlos Michelazzo (SBF)

Dasein e Anātman: diálogo entre Heidegger e o Budismo sobre o caráter dessubstancializante do ego

16:30-18:30 → **Mesa 5**

Coordenador: **Acylene Cabral**

Eder Soares Santos (UEL)

Transformação e sofrimento do Dasein

Anna Luiza Coli (Praga/Wuppertal)

Heidegger e a dor do pensamento que pensa contra si mesmo

Giovanni Jan Giubilato (Universidad de San Buenaventura, Colômbia)

Sobre el dolor en la época de la técnica: Heidegger lector de Jünger

15 OUTUBRO

10:45-12:15 → **Mesa 6**

Coordenador: **Marco Casanova**

Tito Marques Palmeiro (UERJ)

Pensamento, dor e experiência.

Sandro Sena (UFPE)

Antiferonte extático. Ou o pathos da memória

15:30-17:00 → **Mesa 7**

Coordenador: **Eder Soares Santos**

Edgar Lyra (PUCRIO)

A Tecnologização da Morte

Alexandre Franco de Sá (Coimbra/PUCPR)

Entre a angústia e a dor: um diálogo entre Martin Heidegger e Ernst Jünger

17:15-18:45 → **Conferência**

Luis Fernando Cardona (Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia)

“Deja de llorar y habla” Existencia, vulnerabilidad y delegación

14 OUTUBRO → 14:00-16:00

A1 → Anfiteatro do Hospital do Rim

Olga Lucia Gómez Fontecha.

Un encuentro con el dolor

Manuel Dávila Sguerra

El dolor de la pérdida de identidad en el mundo técnico

Chiara Pasqualin

A dor como via do “transcender” entre Jaspers e Heidegger

Deborah Moreira Guimarães

A dor como experiência da apropriação

Paulo Cesar G. Ferreira Júnior

A inviabilização do sofrimento na era da técnica

Reynaldo Padilla Teruel

En la espera del preciso momento uno se aburre: Heidegger, Kairòs y el dolor de existir

A2 → Sala 1

Bruna Sena Gaino

O medo da morte na contemporaneidade

José Carlos Marçal

Hermenêutica da morte

João Bosco Batista

Da situação de *pendência* existencial ao sentido *impendente* da morte na ontologia heideggeriana

Waldyr Delgado Filho

A antecipação da morte como phronesis em Ser e Tempo de Martin Heidegger

Vânia Lúcia Kampff

Morte: um perigo que torna preciosa a vida

Irlim Corrêa Lima Júnior

As últimas perguntas da técnica, para além do começo, do corpo e da morte: um conto de Isaac Asimov à luz de Heidegger

A3 → Sala 2

Maíra Mendes Clini

A intermitência do entre e a contundência da dor na clínica inspirada pelo pensamento de Martin Heidegger

Paulo E. R. Alves Evangelista

Indicações heideggerianas para a psicologia

Paulo Roberto R. Machado

Intimidade como método clínico: ensaio de fundamentação de uma psicologia fenomenológica e hermenêutica

Andrés Gatica Gattamelati

Violencia y Traumatismo: La Metontología y el Aparecer de lo Patológico en Sein und Zeit

Hernani Pereira dos Santos

Vulnerabilidade, impotência e sofrimento: psicologia fenomenológica do "impasse vital"

Bruna F. dos Santos; Carolina M. Dias; Ana Cecília Ferreira

A dor no existir: vivências de crianças em tratamento de câncer

15 OUTUBRO → 09:00-10:30

B1 → Anfiteatro do Hospital do Rim

Catalina Calderón

Fragilidad

María Toro

Archivos del cuerpo herido

Clécio Luiz Silva Júnior

O sublime como autenticidade para superação do sofrimento

Adriana Reyes

El aula como encuentro fenomenológico con el dolor

B2 → Sala 1

Luciana da Costa Dias

O que pode o corpo no tempo do Nilismo? Heidegger e Nietzsche em

direção a superação do corpo como imagem e a possibilidade de uma “fenomenologia da corporeidade”

Alfredo Henrique Oliveira Marques

Corporeidade e perigo no pensamento de Heidegger

Vânia Vicente

Corporeidade e coexistência, radicais do pensamento? Considerações a partir de Heidegger e Merleau-Ponty

Maria Priscilla Coelho

Corpos esculturais: a relação entre o fazer-se corpo e o vazio a partir de Heidegger e Rodin

B3 → Sala 2

Luís Marcos Ferreira

O conceito de angústia e nossos medos nas obras de Heidegger e Gadamer: algumas considerações

André Luiz Ramalho da Silveira

Entre a dor decidida e o sofrimento letárgico: um ensaio fenomenológico sobre a verdade e o sofrimento em Heidegger

Luise Krahl Krause

O existencial disposição

Marília M. de Souza Leão Santos

Em que sentido *Befindlichkeit* diz o ser do humor?

15 OUTUBRO → 14:00-15:20

C1 → Anfiteatro do Hospital do Rim

Carlos Eduardo Freire

O que concretamente faz o psicoterapeuta Daseinsanalista

João Augusto Pompeia

Dor e Tempo

Ida Elizabeth Cardinali

Saúde e Doença nos Seminários de Zollikon

C2 → Sala 1

Rodrigo Rizério A. e Pessoa

Sobre o problema do corpo em Heidegger

Eduardo Adirbal Rosa

Heidegger, ontologia fundamental e o problema do corpo

André Prock Ferreira

A Corporeidade no pensamento de Martin Heidegger

Cleber Ranieri Ribas de Almeida

Heidegger e a distinção entre *Körper* e *Leib*

C3 → Sala 2

Márcia Guimarães Rivas

Solo Metafísico como Fundamento às Ciências

Marcos Silveira Aranguiz

Nada e Angústia na Preleção de 1929 de Martin Heidegger – Que é Metafísica?

Marcelo Vieira Lopes

Heidegger: Liberdade e Finitude

Jorge Figueroa

Sentido de la vida: el cuidado

CONFERÊNCIAS

Zeljko Loparic (PUCPR)

Heidegger e a Psicanálise. 13

Luis Fernando Cardona (Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia)

“Deja de llorar y habla” Existencia, vulnerabilidad y delegación 14

MESA TEMÁTICA 1 15

Síndromes de fuga: la depresión y otras “enfermedades” para huir

Andres Augusto Díaz Saenz (Colombia)

O mundo da técnica e os limites do corpo e da dor: considerações sobre o documentário “Love Child” (2014) à luz de Heidegger e Cassirer

Alexandre Ferreira (UNIFESP)

Há um lugar para a música no pensamento de Heidegger?

Claudia Drucker (UFSC)

MESA TEMÁTICA 2 18

Mártires y proscritos: sufrimiento y poder

Manuel Ávila Vázquez (Univ. Pedagógica y Tecnológica de Colombia)

La deshumanización en medicina frente al dolor y el sufrimiento del paciente

Juan Carlos Ávila (Univ. Militar Nueva Granada, Colômbia)

Hiperestesia e anestesia: sobre a dor e o sofrimento em meio à metafísica da ausência

Marco Casanova (UERJ/CNPq)

MESA TEMÁTICA 3 21

Uma visão fenomenológico-hermenêutica da corporeidade

Acyline Cabral (UFBA)

A corporeidade na perspectiva existencial

João MacDowell (FAJE)

MESA TEMÁTICA 4 22

O utensílio quebrado e órgão inapto: problemas ontológicos na abordagem existencial da enfermidade

Róbson Ramos dos Reis (UFSM/CNPq)

Dasein e Anātman: diálogo entre Heidegger e o Budismo sobre o caráter dessubstancializante do ego

José Carlos Michelazzo (SBF)

MESA TEMÁTICA 5 24

Transformação e sofrimento do Dasein

Eder Soares Santos (UEL)

Heidegger e a dor do pensamento que pensa contra si mesmo

Anna Luiza Coli (Praga/Wuppertal)

Sobre el dolor en la época de la técnica: Heidegger lector de Jünger

Giovanni Jan Giubilato (Universidad de San Buenaventura, Colômbia)

MESA TEMÁTICA 6 27

Pensamento, dor e experiência

Tito Marques Palmeiro (UERJ)

Antiferonte extático. Ou o *pathos* da memória

Sandro Sena (UFPE)

MESA TEMÁTICA 7 30

A Tecnologização da Morte

Edgar Lyra (PUCRIO)

Entre a angústia e a dor: um diálogo entre Martin Heidegger e Ernst Jünger

Alexandre Franco de Sá (Coimbra/PUCPR)

COMUNICAÇÕES

Corporeidade e perigo no pensamento de Heidegger 31

Alfredo Henrique Oliveira Marques (IFRN)

A dor como via do "transcender" entre Jaspers e Heidegger 32

Chiara Pasqualin (USP)

Entre a dor decidida e o sofrimento letárgico: um ensaio fenomenológico sobre a verdade e o sofrimento em Heidegger 32

André Luiz Ramalho da Silveira (UFSC)

A Corporeidade no pensamento de Martin Heidegger	35
André Prock Ferreira (UFSJ)	
Violencia y Traumatismo: La Metontología y el Aparecer de lo Patológico en Sein und Zeit	36
Andrés Gatica Gattamelati (PUC-Chile)	
A dor no existir: vivências de crianças em tratamento de câncer	37
Bruna Ferreira dos Santos; Carolina Moura Dias; Ana Cecília Ferreira (UNIFRAN)	
O medo da morte na contemporaneidade	38
Bruna Sena Gaino (IFEN-RJ)	
O que concretamente faz o psicoterapeuta Daseinsanalista	39
Carlos Eduardo Freire (PUCSP)	
Heidegger e a distinção entre <i>Körper</i> e <i>Leib</i>	40
Cleber Ranieri Ribas de Almeida (USP)	
O sublime como autenticidade para superação do sofrimento	46
Clécio Luiz Silva Júnior (UFRJ)	
A dor como experiência da apropriação	41
Deborah Moreira Guimarães (UNIFESP)	
Heidegger, ontologia fundamental e o problema do corpo	42
Eduardo Adirbal Rosa (UFSM)	
Vulnerabilidade, impotência e sofrimento: Psicologia fenomenológica do “Impasse Vital”.	43
Hernani Pereira dos Santos (UNESP/ASSIS & PUCPR)	
Saúde e Doença nos Seminários de Zollikon	44
Ida Elizabeth Cardinalli (PUCSP)	
As últimas perguntas da técnica, para além do começo, do corpo e da morte: um conto de Isaac Asimov à luz de Heidegger?	44
Irlim Corrêa Lima Júnior (PUC-Rio)	
Dor e Tempo.	45
João Augusto Pompeia (PUCSP)	
Da situação de <i>pendência</i> existencial ao sentido <i>impendente</i> da morte na ontologia heideggeriana.	46
João Bosco Batista (UFSJ)	
Hermenêutica da morte	46
José Carlos Marçal (DeVry Brasil – FBV)	
O que pode o corpo no tempo do Niilismo? Heidegger e Nietzsche em direção a superação do corpo como imagem e a possibilidade de uma “fenomenologia da corporeidade”.	47
Luciana da Costa Dias (PPGAC/UFOP)	

O conceito de angústia e nossos medos nas obras de Heidegger e Gadamer: algumas considerações	48
Luis Marcos Ferreira (UNESP-Marília)	
O existencial disposição	49
Luise Krahl Krause (Puc-Rio)	
A intermitência do entre e a contundência da dor na clínica inspirada pelo pensamento de Martin Heidegger	50
Maíra Mendes Clini (FMU)	
Heidegger: Liberdade e Finitude	50
Marcelo Vieira Lopes (UFSM)	
Solo Metafísico como Fundamento às Ciências	51
Márcia Guimarães Rivas (Unicamp)	
Nada e Angústia na Preleção de 1929 de Martin Heidegger – Que é Metafísica?	51
Marcos Silveira Aranguiz (UEER)	
Corpos esculturais: a relação entre o fazer-se corpo e o vazio a partir de Heidegger e Rodin	52
Maria Priscilla Coelho (PUC-Rio)	
Em que sentido <i>Befindlichkeit</i> diz o ser do humor?	52
Marília Mendonça de Souza Leão Santos (UFPE)	
Indicações heideggerianas para a psicologia	54
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UNIP)	
A inviabilização do sofrimento na era da técnica	55
Paulo Cesar Gil Ferreira Júnior (UERJ)	
Intimidade como método clínico: ensaio de fundamentação de uma psicologia fenomenológica e hermenêutica	55
Paulo Roberto Reimão Machado (Instituto Dasein)	
En la espera del preciso momento uno se aburre: Heidegger, Kairòs y el dolor de existir	56
Reynaldo Padilla-Teruel (Universidad Carlos III de Madrid)	
Sobre o problema do corpo em Heidegger	57
Rodrigo Rizério de Almeida e Pessoa (EBTT- IFBA)	
Morte: um perigo que torna preciosa a vida	58
Vânia Lúcia Kampff (PUC-Rio)	
Corporeidade e coexistência, radicais do pensamento? - considerações a partir de Heidegger e Merleau-Ponty	58
Vânia Vicente (USP)	
A <i>antecipação</i> da morte como <i>phronesis</i> em <i>Ser e Tempo</i> de Martin Heidegger	59
Waldyr Delgado Filho (PUC-Rio)	

“Deja de llorar y habla”

Existencia, vulnerabilidad y delegación

Luis Fernando Cardona (Pontificia Universidad Javeriana)

Queremos examinar, a continuación, las condiciones de posibilidad para hablar del dolor en el espacio público. En un primer momento, señalaremos que el dolor es constitutivo de nuestra existencia y que se despliega de manera múltiple tanto en el cuerpo como en el alma. Ya desde nuestro nacimiento el dolor aparece en nuestra vida; y a lo largo de su desarrollo también él está presente, aunque a veces no lo percibamos de manera explícita. No podemos pensar una vida humana que no se encuentre atravesada por el dolor y el sufrimiento. A partir de este reconocimiento, examinaremos, en un segundo momento, la forma peculiar de nuestra vulnerabilidad, resaltando la necesidad de complementar la analítica existencial heideggeriana con una mirada atenta y concernida de ella, en la medida en que nuestro estar en el mundo es siempre un estar con otros y está atravesado por la vulnerabilidad que nos constituye a todos según nuestra peculiar corporalidad. Atender a nuestra vulnerabilidad constitutiva nos permite ampliar el trabajo de la analítica existencial para abordar las formas variadas de nuestra pasividad sufriente, marcadas por el dolor, la enfermedad y el envejecimiento. Teniendo en cuenta esta ampliación, nos proponemos examinar en un tercer momento el fenómeno de la delegación, tal como lo ha resaltado Hans Blumenberg, pues el hombre no sólo puede padecer enfermedades, dolores y sufrimientos, debido a su constitución corpórea, sino que también puede pasar a otro el peso que lo aqueja, esto es, delegar. Asumir este fenómeno de la delegación nos permite pensar la dimensión política de la existencia sufriente que está

soslayada en Heidegger por su ontología del cuidado. Para indicar el alcance de esta dimensión, examinaremos en el presente trabajo la escena de *Suplicantes* de Eurípides, en la cual Teseo exhorta a Adrasto, rey de los argivos, para que deje de llorar y comience a hablar. Parece entonces que sólo cuando hablamos de lo que nos aqueja, nuestros dolores y sufrimientos llegan a término en la medida en que logramos encausarlos en la vida de la comunidad. Compartir con otros nuestro dolor es pues el correlato comunitario que nos permite amenguar nuestra existencia sufriente. Pero, obviamente, esta posibilidad no está exenta de peligros y abusos.

Heidegger e a psicanálise

Zeljko Loparic (PUCPR)

Resumo: Com base em *Ser e tempo* (1927) e em *Seminários de Zollikon* (1987), o presente trabalho visa a reconstruir os aspectos centrais da proposta heideggeriana de uma antropologia científica inspirada na analítica existencial, como quadro geral para o desenvolvimento das ciências humanas e, em particular, da psicanálise. A viabilidade dessa proposta será avaliada, por um lado, pela análise interna e, por outro, à luz da psicanálise tradicional freudiana e da psicanálise pós-freudiana de Winnicott.



Mesa Temática 1

Síndromes de fuga: la depresión y otras “enfermedades” para huir

Andres Augusto Díaz Saenz (Bogotá)

El objeto del presente trabajo es abordar el tema de la depresión a partir de la disyuntiva entre el concepto de inmunología y el de “exceso de positividad”, expuesto por el filósofo coreano Byung Chul Han como nota característica de la sociedad del cansancio. Esto supone adentrarse en una reflexión sobre el concepto de inmunología y enfermedad inmunológica, teniendo en cuenta a Peter Sloterdijk en su libro *Has de cambiar tu vida*, y profundizar así en el deslinde que hace Han entre dicho concepto y el de exceso de positividad; este último fundamento de la depresión como expresión de una sociedad narcisista y autorreferencial. ¿Qué es la ansiedad, o mejor “el ansia”? ¿Qué es la depresión? ¿Qué papel cumple la medicina neurológica (soluciones químicas que afectan el sistema nervioso central) y qué papel la psiquiatría (soluciones químicas asociadas con la psicoterapia)? Otros conceptos adicionales se hacen necesarios en el desarrollo de este análisis. El concepto de síndrome, que ha estado emparentado a finales del siglo XX con la construcción de enfermedades con vocación de epidemias (como en El caso del SIDA, el Ébola y la Gripe Aviar), y el concepto de epidemia. El concepto clásico de epidemia se refiere a “lo que visita la ciudad”. En la antigüedad hacía referencia a las visitas de los médicos, pero luego se asoció con lo extraño que asolaba la ciudad, asumiendo otras acuñaciones de sentido ligadas a “la pestilencia” (que viene del aire) y a la “gran muerte”. Resulta interesante explorar, precisamente a partir del concepto de “peste”, como la enfermedad aparece inicialmente como algo “desconocido” y “sin nombre” y como adquiere una expresión iconográfica precisa. ¿Cuáles serían entonces los emblemas, las alegorías iconográficas de la depresión? La peste se convirtió así, desde el punto de vista lingüístico, en una denominación de la catástrofe que no tiene nombre, cuya mejor expresión es justamente la capacidad de desintegrar el tejido social

(gran muerte) y de contagio. Si en el caso de las enfermedades asociadas a una vocación epidémica afrontamos el imaginario de algo “desconocido” que nos “invade”, en un contexto histórico que, hoy en día, no es ajeno a la configuración de esos “síndromes” (guerra fría, fin de la guerra fría y conflictos asimétricos en todo el orbe, con particular influencia del “terrorismo”, pero también el imaginario alienígena expuesto por ejemplo en las películas de John Carpenter o de Ridley Scott), estamos en el caso de la depresión frente a la inexistencia del extraño, el extranjero, la “cosa” que nos invade, pues la depresión termina “sentida” como un mal interior, en el cual se entrecruzan aspectos como la culpa, el cansancio y la imposibilidad de fuga ante la sumisión. La depresión es pues un problema de libertad. Resultan importantes los análisis de Canetti sobre las formas de fuga ante el poder, expresadas en *Masa y poder*, pero revisados ahora en el contexto del mundo contemporáneo. La histeria, como expresión del anhelo de fuga, no ha concluido. La depresión aparece así asociada a una forma *light*, rosada, de la histeria, en la cual es el cuerpo, pero sobre todo, el yo, el que se ofrece como repositorio de una serie de dilemas del poder, pues ya no estamos inmersos en sociedades clásicas o panópticas de control, sino en sociedades de control difuso, de control basado en la confesión y la “proactividad” y cooperación del sujeto, en la medida en que se da la aceptación del poder como lugar de realización unidimensional, en un juego perverso entre intimidación (lo que queda aún de mí), espectáculo (lo que mi yo y los otros quieren de mí) y la responsabilidad jurídica (lo que la ley y el tribunal me exigen como garante de una vida buena). En este aspecto, tendremos en cuenta autores como Greil y Debord. Estamos poseídos, pero ya no hay demonio. Un lugar privilegiado de ese debate es, necesariamente, el erotismo. Finalmente, se hará una reflexión sobre la relación entre la ley y la discusión jurídica sobre la forma de asistencia al depresivo, en un marco solidarista (en el sentido de régimen solidario de salud) y no de solidaridad, haciendo énfasis en la construcción de un derecho de riesgo y de distribución del riesgo (seguro de enfermedad). El médico del régimen solidario es una forma del médico de peste, un funcionario que asiste y cura el dolor, lejano al médico en su sentido hipocrático clásico. En este punto, resulta importante señalar algunas manifestaciones de la expansión del dolor como la “comunidad del dolor”, la “comunidad de discurso y sufrimientos compartidos”, con las cuales se pretende responder a la enfermedad. En este punto, tendremos en cuenta textos de Blanchot, la Película “The Gift” (comunidad de personas que se “obsequian” el contagio de VIH) y el texto de Jamison, *El anzuelo del diablo*, sobre la comunidad del síndrome de Morgellones.

Entre a angústia e a dor: um diálogo entre Martin Heidegger e Ernst Jünger

Alexandre Franco de Sá (Coimbra/PUCPR)

A angústia (Angst) desempenha um papel muito preciso no quadro da elaboração por Heidegger do projeto da ontologia fundamental. Esta é a disposição afetiva fundamental (Grundstimmung) pela qual se torna possível a abertura do ser-aí ao próprio ser e, por meio dela, uma confrontação do homem com o seu ser próprio enquanto ser-aí. O tema da dor (Schmerz), por seu lado, surge no pensamento de Jünger como a medida imutável por referência à qual se torna possível medir uma época e compará-la a outras. Jünger pretende encontrar nela a base para pensar uma época em que a existência anestésica do “último homem” de Nietzsche estaria superada. A nossa comunicação pretenderá comparar os dois conceitos e, através disso, mostrar a importância filosófica da relação entre estes dois autores, cuja interlocação, entre as décadas de 1930 e 1950, não poderia ser mais intensa.

Há um lugar para a música no pensamento de Heidegger?

Cláudia Drucker (UFSC)

Um pensamento sobre a música não foi formulado pelo autor, que chega a proclamar a música secundária diante da poesia, mas continua como pergunta. O discurso de Heidegger recorre frequentemente ao campo semântico do ouvir. “Afinamento”, “voz” e audição são termos técnicos do tratado Ser e tempo. Mais tarde, sob a influência de Heráclito, o pensamento se torna resposta a uma escuta prévia. Por um lado, apesar de sublinhar uma passividade originária do existir, Heidegger também sublinha que a sua articulação decisiva é o discurso. Somos tentados a concluir que a dimensão sonora está subordinada à dimensão do significado linguístico, assim como na tradição. Por outro lado, quando a fonte do significado oscila entre mundo e palavra, é justificado dizer que a cisão entre som e significado é uma das que a hermenêutica tornou problemáticas, e que deve haver um som significativo como base da arte musical?



Mesa Temática 2

La deshumanización en medicina frente al dolor y sufrimiento del paciente

Juan Carlos Ávila (Universidad Militar Nueva Granada)

Podemos considerar que los seres humanos se deshumanizan, cuando son incapaces de experimentar emociones humanas complejas, esto es, compartir creencias o actuar según valores y normas sociales y morales. En este sentido, esta deshumanización se da por medio de la privación de las características que se suponen son parte de la naturaleza humana, que al ser sustraídas proyectan una imagen sobre nuestra humanidad de frialdad, rigidez y superficialidad (Rodríguez, 2007). La visión humanista clásica consideraba al médico como aquel hombre que cultivaba al lado del proceder clínico las ciencias que permiten el enriquecimiento del espíritu (artes, literatura y pintura); con el paso de los siglos esta visión se fue perdiendo, generando así una visión del médico determinada ahora prioritariamente por el modelo racional cientificista, que deja de lado la sensibilidad humana, provocando así lo que hemos querido denominar aquí como deshumanización de la praxis médica (Oseguera, 2006). Esta reducción tiene como consecuencia la limitación de la capacidad axiológica del hombre, determinando con ello el actuar del médico únicamente a la luz del poderío científico y tecnológico (Tealdi, 2008), sin atender a cualquier otra consideración que tenga en cuenta otros aspectos determinantes en la relación médico paciente. Esta reducción afecta también hoy a la enseñanza y la práctica de la medicina. La deshumanización está dada por factores relacionados con la cosificación del paciente, la ausencia de calor en la relación humana, la falta de reconocimiento de la dignidad intrínseca de todo enfermo y de la igualdad entre todas las personas, la debilidad en el tratamiento integral y global (que abarque todas las dimensiones del ser humano), la falta de participación del paciente en la toma de decisiones (relacionada con la inadecuada relación de poder) sobre su tratamiento, la desconfianza en el conocimiento médico y las falsas expectativas generadas en esta relación entre médico y paciente (Rodríguez,

2006; Santos, 2003). Existe, por lo tanto, un sesgo reduccionista en la consideración del orden biológico del ser humano, desatendiendo así los órdenes simbólico (código del lenguaje) y de la comunicación (orden psíquico), que impactan también a cada hombre como a un todo; si se da la pérdida o se hace abstracción de alguno de estos componentes, el ser humano deja de serlo y esto conduce inevitablemente a su deshumanización (Escobar, 2015). La deshumanización da prelación entonces al racionalismo científico en desmedro de la sensibilidad humana, lo cual a su vez se manifiesta en profesionales sin una auténtica vocación médica, formados con un énfasis exclusivo en los conocimientos científicos y técnicos y con escasa o deficiente formación humanista. Esta ausencia repercute de manera decisiva en el rechazo al sufrimiento del doliente en una sociedad que le da la espalda al dolor humano y a la muerte; este rechazo dificulta el adecuado manejo y entendimiento del dolor y el sufrimiento, al reducirlo únicamente a su abordaje farmacológico o bioquímico (Nizama-Valladolid, 2002). Por esta razón, consideramos necesario analizar el modo como se ha generado esta deshumanización desde la formación del profesional de la salud hasta el ejercicio de su relación con el paciente, buscando entender cómo dicha deshumanización afecta la relación del profesional de la salud con el sufrimiento y el dolor del paciente. En este sentido, atender a este proceso de deshumanización nos permite examinar la complejidad actual de la práctica médica, mostrando así cómo se ha alterado hoy el oficio de la medicina, incrementándose con ello la deshumanización del acto médico ampliando innecesariamente los dolores y sufrimientos de los pacientes. No olvidemos pues que el único fin de la praxis médica es ayudar a la curación del paciente.

Mártires y proscritos. Sufrimiento y poder

Manuel Oswaldo Ávila Vásquez
(Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia)

El documento tiene como objetivo pensar la relación entre el sufrimiento y el poder a partir del arte religioso de los siglos XVII y XVIII, en particular el desarrollado en Iberoamérica, y el sistema penitenciario en la misma época. Esto es, entender el papel que ha jugado esta relación en la configuración

de las relaciones de poder y, con ello, la práctica del sufrimiento en individuos proscritos por la sociedad en el mundo barroco. A partir de lo anterior examinar si tal relación sigue el mismo patrón incluso en una época como la nuestra que se presume laica. Lo anterior se lleva a cabo en siguientes pasos: 1. Se hace la presentación de lo que significa el fenómeno barroco y cuáles son sus principales características y, en particular, en Iberoamérica. 2. Se verifica cómo el “espíritu” barroco y en concreto su arte se constituye en el paradigma del sistema penitenciario barroco. 3. Finalmente, se fijan algunas conclusiones donde se muestra que incluso en sociedades secularizadas como la nuestra se sigue el mismo patrón.

Hiperestesia e anestesia: sobre a dor e o sofrimento em meio à metafísica da ausência

Marco Casanova (UERJ)

O modo como Martin Heidegger compreende o nosso tempo aponta antes de tudo para o termo niilismo. Esse termo, em Heidegger, não designa simplesmente um tempo onde todos os sentidos se esvaziam e o nada ganha corpo, mas antes um tempo onde o nada, pensado a partir do ente como o vazio, se transforma em medida dos entes e em princípio operativo da totalidade. O que pretendemos na presente apresentação é investigar as repercussões dessa posição em relação à dor e ao sofrimento, acentuando antes de tudo em que medida o niilismo não se reduz a uma letargia e supressão do movimento, mas se constrói muito mais como elemento de aceleração e velocidade. Hiperestesia e anestesia, assim, como veremos, aparecem como um par siamês de nosso tempo.



Mesa Temática 3

Uma visão fenomenológico-hermenêutica da corporeidade

Acylene Cabral (UFBA)

A partir dos Seminários de Zollikon e de *Ser e tempo*, pretendemos mostrar que a corporeidade é um modo de ser do Dasein. Nosso objetivo é correlacionar as aberturas do mundo e do ser-no-mundo, que determinam o existencial da disposição, com o caráter de direcionamento, que determina a espacialidade como uma estrutura existencial do Dasein. Tal correlação nos permitirá estabelecer o nexó ontológico entre os existenciais da disposição e da espacialidade e indicar como é possível concebermos uma visão da corporeidade fundada na fenomenologia-hermenêutica de Heidegger.

A corporeidade na perspectiva existencial

João MacDowell (FAJE)

O fato de Heidegger não ter incluído na sua análise do fenômeno humano em *Ser e tempo* o existencial “corporeidade” foi severamente criticado por vários de seus intérpretes. Entretanto, se o *ái-ser (Dasein)* é fundamental autocompreensão de sua história enquanto ser-no-mundo, a sua corporeidade ocupa um lugar de primeiro plano no seu projetar-se. Esta preeminência do corpo está ligada não só à espacialidade do mundo, mas mais radicalmente à dimensão fáctica da existência, enquanto se manifesta na disposição afetiva.



Mesa Temática 4

Dasein e Anātman: diálogo entre Heidegger e o Budismo sobre o caráter dessubstancializante do ego

José Carlos Michelazzo (SBF)

A ideia central da exposição não é fazer uma simples comparação de Heidegger com o Budismo – como Kant e o Budismo ou Schopenhauer e o Budismo – tal como se faz em um trabalho escolar ou acadêmico. Seu intuito é o de procurar estabelecer um diálogo autêntico com dois modos de pensar em que, um deles, se propõe a pensar novos pontos de partida da filosofia da tradição ocidental (Heidegger), enquanto outro, ao interpretar o problema do sofrimento humano, apresenta perspectivas muito distintas daquilo que se pode chamar tradicionalmente de religião (Budismo). Em outras palavras, um diálogo que se daria naquele possível espaço aberto pela intersecção entre dois “além”: além da filosofia e além da religião. Todavia, nesta exposição, tal diálogo estará circunscrito em torno da questão da natureza mais essencial do homem: o ser-aí (*Dasein*), palavra-guia com que Heidegger desconstrói a essência metafísica do homem enquanto subjetividade; e o não-ego (*Anātman*), noção central com que o Budismo desmantela uma de nossas experiências ilusórias mais básicas, a do ego, interpretado como simples ficção mental conveniente.

O utensílio quebrado e órgão inapto: problemas ontológicos na abordagem existencial de enfermidade

Róbson Ramos dos Reis (UFSM/CNPq)

A abordagem fenomenológica da doença e da saúde tornou-se amplamente reconhecida e debatida no campo da teoria da medicina. Uma

característica distintiva dessa abordagem é a adoção de um ponto de partida que considera a experiência em primeira pessoa da doença, assumindo como pressupostos a noção de uma corporeidade existencial, bem como a estrutura do ser-no-mundo como uma rede de significatividade constitutiva de toda intencionalidade. Por contraste com uma abordagem naturalista, que exige a admissão de um nível estritamente biológico e funcional como indispensável para a formulação de uma noção não normativa de doença, a perspectiva fenomenológica pretende o estabelecimento de conceitos fundamentais que sejam relevantes para a teoria e prática da medicina a partir de insights fundamentais da fenomenologia: intencionalidade, corporeidade, temporalidade, experiência e abertura afetiva da significatividade. Um desenvolvimento especificamente relacionado com a analítica existencial de *Ser e Tempo* elaborou a noção de enfermidade como modificações na estrutura do ser-no-mundo, mais especificamente, como a perda do domicílio familiar no mundo e a formação de um estranhamento corporal no mundo (Svenaeus, Toombs, Carel). Esta modificação foi elaborada por uma analogia com a ruptura no fluxo habitual do uso de utensílios, por exemplo, com a quebra do instrumento. O resultado é que a enfermidade aparece como a patentização de um corpo alheio e alienado, isto é, como a perda do caráter tácito da corporeidade existencial presente no ser-no-mundo domiciliado e todas as consequências daí implicadas na espacialidade e temporalidade existenciais. Neste trabalho examinarei a adequação e as consequências do uso da analogia órgão-utensílio na elaboração do estranhamento que seria integrante de um conceito existencial de enfermidade. O meu objetivo é mostrar que a analogia conduz a uma transgressão categorial, na medida em que, de acordo com Heidegger, os órgãos não podem ser equiparados a utensílios, nem os organismos a máquinas. Por conseguinte, o caráter tácito da utensiliaridade não pode ser idêntica à do organismo. Uma consequência desta inadequação no emprego da analogia consiste, portanto, em que uma noção existencial de enfermidade precisa, como condição de sua formulação, lidar com o problema ontológico da unidade de diferentes modos de ser, e não apenas operar com uma suplementação ontológica, isto é, a adição de uma ontologia secundária da saúde biológica.



Mesa Temática 5

Transformação e sofrimento do Dasein

Eder Soares Santos (UEL)

Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns diferentes momentos da compreensão do conceito de Dasein e homem em Heidegger, pensando nesse percurso na forma de um sofrimento que o homem teria de passar para chegar à verdade do ser a fim de transformar-se em Da-sein para manter-se na clareira do seer. Não temos a intenção de tratar dos momentos estruturais existenciais do sofrimento, mas sim de pensar nesse percurso de transformação como um modo de apropriação do homem como uma fissura que causa sofrimento em seu ser como única maneira de levá-lo à superação de si enquanto efeito da maquinação.

Heidegger e a dor do pensamento que pensa contra si mesmo

Anna Luiza COLI

(Charles University Prague - Bergische Universität Wuppertal)

A presente contribuição parte da obra recentemente publicada de Martin Heidegger, os Cadernos Negros, com o intuito de mostrar o papel que o antissemitismo onto-historial desempenhou no derradeiro abandono da narrativa da história de Ser pautada pelo maniqueísmo e polarização entre gregos e alemães de um lado, e Judaísmo e a 'maquinação' de outro. O antissemitismo não apenas forneceu as bases da estrutura da historicidade do Ser (Seinsgeschichte) a partir dos anos 30 como, ao final, exauriu suas possibilidades enquanto narrativa do Ser. Como afirma o editor dos Cadernos Negros, Peter Trawny, em seu livro Heidegger e o mito

da conspiração judaica, mesmo que Heidegger tenha ‘dolorosamente’ se libertado da narrativa que no início marcava sua radicalização da diferença entre ‘Seer’ e ‘entes’, em momento nenhum ele parece ter hesitado em sua decisão de publicar o conteúdo dos Cadernos como o coroamento de suas Obras Completas. A hipótese central do presente trabalho leva em consideração o apego de Heidegger por esses escritos: muito mais que a história do fracasso de uma teoria, os Cadernos Negros são a história do pensamento que a todo momento se violenta e investe contra si mesmo. A dor de um dos maiores crimes contra a humanidade reflete-se diante do leitor na dor da violência que o pensamento pode exercer contra si próprio em busca da verdade.

Sobre el dolor en la época de la técnica: Heidegger lector de Jünger

Giovanni Jan Giubilato (Universidad de San Buenaventura)

El modelo para el análisis de la “cotidianidad” desarrollado por Heidegger en *Ser y Tiempo*, cuyo sentido ontológico designa el modo como la existencia se encuentra inmediata y regularmente en el mundo, es el trabajo artesanal del mundo campesino. En la obra capital de 1927 no se hace referencia al trabajo industrial en sentido moderno, tal como es referido, por ejemplo, en los escritos de Durkheim, Marx o Weber. Ya alrededor de 1930 esta perspectiva empieza a cambiar. En este contexto Heidegger percibe que aquello que caracteriza esencialmente nuestra época no es la cotidianidad rural (bäuerlich), sino más bien la técnica, tal como es descrita por Ernst Jünger en los ensayos *La movilización total* (1930) y *El trabajador* (1932). La técnica es esencialmente “el modo como la forma del trabajador moviliza el mundo”. La lectura de la obra de Jünger, y su análisis crítico, llevarán a Heidegger – que ve en Jünger el más radical discípulo de Nietzsche – no solo a profundas transformaciones en su proyecto filosófico, sino también a buscar nuevos horizontes teóricos a través del cumplimiento de la denominada “Kehre”. En el marco de esta fase sumamente crítica del pensamiento heideggeriano, el ensayo de Jünger *Sobre el dolor* (1934) – que Heidegger leyó y comentó atentamente, como nos enseñan las numerosas anotaciones

recopiladas en el tomo 90 de su obra completa (GA) – juega un papel decisivo. El dolor es pensado como una de las “llaves con que abrimos las puertas no sólo de lo más íntimo, sino a la vez del mundo”. Al dolor, inmutable en cuanto medida, el hombre se enfrenta de manera variable y cada vez diferente. Pero ¿cuál es la esencia del dolor? ¿Y cuál es, entonces, el papel que le es otorgado al dolor en la nueva época moderna, es decir, en la época del primado de la técnica y del hombre trabajador? A estas preguntas, que constituyen el centro de nuestra contribución, intentará dar respuesta el mismo Heidegger lector de Jünger.

Antiferonte extático. Ou o *pathos* da memória

Sandro Sena (UFPE)

Remontando ao período arcano “fisiológico” do pensamento ocidental e documentado nos diálogos platônicos, de maneira particularmente aguda no *Timeu*, em contextos de elaboração das potências *terapêuticas da práxis filosófica*, o antiquíssimo parentesco entre medicina e filosofia seria reafirmado explicitamente, desde perspectiva exclusivamente *teórica*, em vários dos breves tratados legados por Aristóteles posteriormente reunidos sob o título *Parva Naturalia*. O caráter consanguíneo dessas atividades, em virtude do qual se deve asseverar dos filósofos “(...) e dos que, entre os médicos, se ocupam de seu saber de uma maneira mais científica, que os primeiros acabam por ocupar-se da medicina e que os outros baseiam seus princípios no estudo da natureza.” (*Acerca da sensação e do sensível*, 436a 19), se revela no compartilhamento dos seus objetos de consideração: “No tocante à saúde e à doença, não é apenas competência do médico, senão também do filósofo da natureza falar sobre suas causas até certo ponto.” (*Acerca da juventude e da velhice*, 480b 23). Seja qual for este ponto até onde concerne ao filósofo ir – uma vez que isso dependerá de cada compreensão filosófica da própria essência e meta da filosofia –, em sua reflexão sobre o setor temático da medicina “científica”, me parece seguro afirmar: *se a saúde e a doença podem receber um tratamento estritamente filosófico, então é necessário que contemos entre os poderes da filosofia a competência para o diagnóstico*. Isto é, *através do que se mostra enquanto manifestação de algo que não se mostra em si mesmo*, apreender justamente isso, que em si mesmo não se mostra, posto que, “por meio” da manifestação, se *anuncia*. Enquanto tal anunciar-se, “Manifestar é um *não mostrar-se*.” (SZ, p. 29). Ora, na medida em que “Todas as indicações, apresentações, sintomas e símbolos possuem a citada estrutura formal fundamental do manifestar” (SZ, p. 29), manifesto é, portanto, que doenças, referenciadas aos sintomas (manifestações) como seu anúncio, são *fenômenos ônticos* em sentido fenomenológico-hermenêu-

tico, em cuja constituição se inscreve um *encobrimento* elementar, o qual não deve, a princípio, ser confundido com o *não* mostrar-se *privativo* da mera *aparência*. Contudo, *phainomena* diz também “ser” e “estrutura ontológica” (SZ, p. 31), âmbito que, de saída e na maior parte das vezes, não é dado, se mantém encoberto, quer se trate do ser e estrutura ontológica de uma enfermidade (que não se mostra em si mesma, mas se anuncia), quer se trate do ser e estrutura ontológica de um ente facilmente acessível: o martelo, o inseto, a pedra. Tomado em sentido ôntico ou em sentido ontológico, “Fenômeno – o mostrar-se em si mesmo – significa um tipo privilegiado de encontro de algo.” (SZ, p. 29). Ao nível do privilégio deste encontro, corresponde o nível da aridez do caminho percorrido. Seguindo as indicações de *Ser e tempo*, se torna patente que a trilha *filosófica* até fenômenos como a saúde e a doença é particularmente árida, pois terá de necessariamente enfrentar encobrimentos que se acumulam sobre encobrimentos de tipos, ademais, bastante distintos. Ao explorar essas dificuldades, tenho como meta discutir criticamente o diagnóstico *filosófico* de Aristóteles para uma doença atribuída a “Antiferonte e outros extáticos” em *Acerca da memória e reminiscência*, cujo desconcertante sintoma consiste em tomar a percepção como uma recordação, ou seja, como passado o que é presente. Através da reconstrução dos pressupostos conceituais aristotélicos sobre a essência da memória e sua relação estrutural com o tempo vulgar, em confronto com as indicações fenomenológico-existenciais heideggerianas acerca do sentido temporal do ser-aí, proponho um diagnóstico alternativo para estranha enfermidade. Antiferonte, o doente da memória, não padece de outro *pathos* senão da nostalgia.

Pensamento, dor e experiência

Tito Marques Palmeiro (UERJ)

A dor se encontra pensada em nossa tradição enquanto sintoma de um desarranjo do corpo ou do espírito. Ela é assim tomada como o índice de algo de outro, não sendo portanto pensada a partir de si mesma. Será justamente para compreender a possibilidade de uma “fenomenologia da dor” que discutiremos a obra de Heidegger. Veremos que as contínuas referências ao tema da dor em Heidegger se devem a que ela constitui um aspecto decisivo da

experiência. Por esse motivo, é necessário que procuremos compreendê-la, e não reduzir o pensamento a seu respeito à tarefa de procurar os meios necessários para anulá-la ou superá-la. Será pelo estudo da relação entre dor e experiência que interrogaremos o modo específico pelo qual a dor será discutida no texto que fornece as mais extensas e decisivas descrições a seu respeito: “A linguagem na poesia”, do livro *A caminho da linguagem*. Esse estudo ocorre dentro do quadro da poesia, e não da psicanálise ou do saber médico. Heidegger procura levar às últimas consequências uma possibilidade aberta por nossa tradição, pois enquanto que o discurso de conhecimento se mantém exterior aos silêncios, gritos e murmúrios da dor, o discurso poético foi sempre livre em nossa tradição para cantar a dor. Em seu estudo do poema “Uma tarde de inverno” de Georg Trakl, Heidegger não a interrogará como o reflexo dos estados psíquicos do poeta, e não reduzirá, portanto, o canto da dor a uma mera metáfora. Ele abre assim a possibilidade para que pensemos a dor no que ela possui de próprio ao mostrar a necessidade de estabelecer um diálogo com o poema enquanto um discurso que dá voz à própria dor.



Mesa Temática 7

A Tecnologização da Morte

Edgar Lyra (PUC-Rio)

Há já número significativo de autores – filósofos, profissionais de saúde, sociólogos – debruçados sobre as alterações do morrer e das representações da morte no atual cenário de hegemonia tecnológica. As análises do ser-para-a-morte desenvolvidas por Heidegger em *Ser e Tempo* oferecem distinto ponto de partida para essa reflexão, acrescido nesta apresentação por contribuições tardias do mesmo autor, além de bibliografia e iconografia recentes. Trata-se de investigar se, em que medida e por que caminhos, os novos enquadramentos da morte promovidos pela sua recente “tecnologização” poderiam fomentar a abertura de campos de discussão sobre nossa finitude e, *pari passu*, uma revitalização da interrogação heideggeriana sobre a essência da técnica.

Entre a angústia e a dor: um diálogo entre Martin Heidegger e Ernst Jünger

Alexandre Franco de Sá (Coimbra/PUCPR)

A angústia (Angst) desempenha um papel muito preciso no quadro da elaboração por Heidegger do projeto da ontologia fundamental. Esta é a disposição afetiva fundamental (Grundstimmung) pela qual se torna possível a abertura do ser-aí ao próprio ser e, por meio dela, uma confrontação do homem com o seu ser próprio enquanto ser-aí. O tema da dor (Schmerz), por seu lado, surge no pensamento de Jünger como a medida imutável por referência à qual se torna possível medir uma época e compará-la a outras. Jünger pretende encontrar nela a base para pensar uma época em que a existência anestésica do “último homem” de Nietzsche estaria superada. A nossa comunicação pretenderá comparar os dois conceitos e, através disso, mostrar a importância filosófica da relação entre estes dois autores, cuja interlocução, entre as décadas de 1930 e 1950, não poderia ser mais intensa.

Corporeidade e perigo no pensamento de Heidegger

Alfredo Henrique Oliveira Marques (IFRN)

O texto *Der Ursprung des Kunstwerks* (*A origem da obra de arte*) assinala, conjuntamente com outros escritos e preleções da década de 1930, a configuração inicial para o período compreendido como a virada (*Kehre*) do pensamento para o segundo Heidegger. No entanto, são nos textos *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)* (*Contribuições à Filosofia (Do acontecimento apropriador)*); *Bremer und Freiburger Vorträge*; *Die Frage nach der Technik* (*A questão da Técnica*) e *Die Zeit des Weltbildes* (*O Tempo da Imagem do Mundo*), que o pensamento de Heidegger II consolida-se e converte-se – através dos conceitos de *Ereignis* (evento), *Gefahr* (perigo), *Kehre* (volta), *Ding* (coisa) e, por fim, *Ge-stell* (disposição) – em uma questão sobre a essência da Técnica. É no auge desta fase que fomos buscar – a partir dos textos citados, principalmente as quatro conferências iniciais de *Bremer und Freiburg Vorträge* – a delimitação teórica necessária para elaboração do problema que aventamos pensar com este trabalho: como se dá e quais são, para Heidegger, as estruturas ontológicas do princípio que governa nossa época, para que ele as centralize desde a essência da Técnica moderna, a saber, *Ge-stell*? E, adiante, como é que *Ges-tell* opera na época hodierna um esgotamento dos corpos na condição de *Körper* (corpo material), ampliando o sentido Cartesiano de um corpo *res extensa* até para o homem, colocando em Perigo (*Gefahr*) o sentido *ek-stático* da vida.

A dor como via do “transcender” entre Jaspers e Heidegger

Chiara Pasqualin (USP)

Segundo Jaspers, a dor não é um acontecimento contingente que pode ser evitado, mas uma situação-limite, isto é, uma experiência crucial que está indissolúvelmente ligada à vida imediata do homem (à esfera do Dasein) e que representa a sua aniquilação parcial. Frente à dor, o homem pode absolutizar a esfera, ameaçada, do Dasein, caindo em várias formas de desespero, ou reagir, realizando a existência enquanto dimensão mais profunda do seu ser e abrindo-se ao encontro com a Transcendência. A dor é, segundo Heidegger, uma das tonalidades afetivas fundamentais do ser-aí. A dor, como cada paixão, é uma experiência ambivalente: ela pode levar à laceração e ao aniquilamento de si, ou, ao contrário, ao recolhimento e à transformação na direção da autenticidade, a partir da qual a recordação do Ser se torna viva. Em geral, tanto para Jaspers como para Heidegger, a dor é aquela experiência que não pode ser eludida por meio de planos calculadores e estratégias de eliminação (aos quais a dor sempre resiste), mas uma condição que deve ser atravessada para poder relativizar o dado ôntico, descobrir a dimensão transcendente e chegar, enfim, a uma plena conquista da própria autenticidade existencial.



Entre a dor decidida e o sofrimento letárgico:
um ensaio fenomenológico sobre a verdade e
o sofrimento em Heidegger

André Luiz Ramalho da Silveira (UFSC)

A ontologia fundamental elaborada por Heidegger em *Ser e Tempo* tem como uma das características centrais o fato de que ser é dependente da compreensão de ser. Essa condição parte da perspectiva da finitude da existência, pois essa compreensão de ser estruturada temporalmente é também finita. Por conseguinte, Heidegger dirá que o ser-aí não é fundamento de sua

existência, mas é justamente lançado e colocado no fundamento de sua *nihilidade* e precisa assumir esse fundamento negativo mediante a decisão antecipadora, de modo que a decisão leva à verdade originária da existência (§62 – *ST*). Mediante a radicalidade com que Heidegger elabora sua ontologia, pode-se perceber que é uma filosofia muito devastadora e árida, pois – ao menos na década de 1920 - todo e qualquer fundamento relativo à existência humana é dependente das projeções de ser dadas pela compreensão de ser do ser-aí. Contudo, ao mostrar que o ser do ser-aí é cuidado, e ao buscar afastar toda e qualquer interpretação não ontológica, seja ela psicológica, antropológica, biológica, etc. – tal como a passagem sobre a angústia no §40 de *ST*, segundo a qual é somente pelo fato de o ser-aí se angustiar no fundo de seu ser que é possível o desencadeamento fisiológico da angústia -, e também afastar qualquer interpretação impessoal da existência, Heidegger limita muito os termos em que se poderia falar do sofrimento. Isso ocorre porque a analítica existencial impede, por princípio, que se possa falar tanto do sofrimento humano a partir da noção de vontade, quanto a partir de uma determinação fisiológica, por exemplo. O objetivo da presente contribuição é apresentar a relação entre os conceitos de verdade e sofrimento em Heidegger, e de que maneira o discurso público e impessoal sobre a morte oculta a compreensão originária do sofrimento, de modo que a articulação da interpretação decadente se daria nos termos de um não pensar. O ponto de partida para a apresentação dessa problemática será a analítica existencial de *Ser e Tempo*. A situação paradoxal do acontecer do ser-aí é que a existência é transpassada pela possibilidade de não existir, como se o impossível fosse corporificado em cada relação intencional do ser humano. De fato, com a noção de existência Heidegger pode mostrar que sempre o ser-aí está em uma relação na qual, de algum modo, experimenta a morte, mas ainda continua existindo. Essa interpretação busca salvaguardar um sentido existencial para o comportamento do ser-aí com o próprio fim. Além disso, Heidegger identifica uma necessidade em se visualizar a conexão entre o ser para a morte e o cuidado enquanto o ser do ser-aí, na medida em que o ser para o fim concerne à totalidade do ser do ser-aí. A concepção de *ser para a morte* mostra que o ser-aí transita de um âmbito público e impessoal para uma atitude própria e angustiada, atitude esta que consiste justamente em assumir o fardo da própria existência finita fora do âmbito nebuloso da decadência. Neste sentido, ao sair da década de vinte, seria plausível perguntar qual a atitude originária possível depois que a era da técnica se consuma e, em seu ápice, devasta todo o habitar do ente que compreende ser? Ainda é possí-

vel dizer que há mundo e liberdade para morrer, no sentido empregado por Heidegger? Ainda em *Ser e Tempo*, o discurso público é apresentado como aquele que oculta e dissimula a morte enquanto possibilidade primordial da existência, tendo em vista que a mediania do mundo público nivela todas as possibilidades de ser. Deste modo, toda regulação do mundo publicamente estabelecido será normalizadora, ausente de qualquer notoriedade e tenderá a anular qualquer diferença. Assim, pode-se dizer que se entra na dimensão do não pensar que justifica o horror. Não pensar não significa o irracional, mas, justamente o guiar-se a partir do impessoal, isto é, o “pensar” não originário a partir do falatório desenraizado. Nos escritos que circunscrevem as décadas de 1940 e 1950, como *A pobreza* (1945), *O perigo* (1949), *A linguagem* (1950 e 1951, presente no livro *A caminho da linguagem*) e *A questão da técnica* (1953), Heidegger pensará uma atitude nova perante a totalidade opressiva do mundo. Em *A pobreza*, Heidegger fala de uma pobreza que nos tornaria ricos, no sentido de que a penúria revelaria uma verdade que permitisse uma nova relação originária consigo mesmo. No entanto, é na breve conferência *A linguagem* que estaria uma das chaves de leitura para compreender como Heidegger entende o sofrimento e a dor. Ao analisar o poema *Uma tarde de inverno* de *Georg Trakl*, sobretudo em um verso que diz “*a dor petrificou a soleira*”, Heidegger diz que a dor é um corte que dilacera e reúne, sendo a articulação do rasgo do dilaceramento; a dor, diz Heidegger, é soleira, de modo que ela dá suporte ao entre, a dor é a própria diferença. Logo depois, Heidegger diz que é na soleira, enquanto suporte e sustento da dor, onde brilha a claridade pura, pois o rasgo da diferença deixa brilhar a claridade pura. Deste modo, apesar de épocas completamente distintas no pensamento de Heidegger, não seria descabido dizer que a verdade originária propiciada pela decisão antecipadora presente em *Ser e Tempo* seria semelhante ao tratamento dado por Heidegger ao conceito de sofrimento nessa conferência. Por conseguinte, a apresentação do presente ensaio será dividida em três momentos. Primeiramente, será esboçada brevemente a conexão entre os conceitos de morte, possibilidade existencial e verdade, elaborados em *Ser e Tempo*. Após isso, se buscará mostrar em que medida é possível relacionar a verdade originária presente em *ST* com a conferência *A linguagem*. Por fim, será apresentado como o fenômeno do sofrimento pode ser interpretado na transitividade de um estado interpretativo público impessoal para, nos termos de Heidegger, uma interpretação própria.

A Corporeidade no pensamento de Martin Heidegger

André Prock Ferreira (UFSJ)

Ao propormos uma investigação acerca da corporeidade (*Leiblichkeit*) no pensamento de Martin Heidegger (1889-1976), queremos com isto investigar a condição do *Dasein*, enquanto *ser-no-mundo*. Diz o filósofo: “(...) Apenas não podemos confundir nosso ser-corporal com a materialidade de um objeto inanimado simplesmente presente” (HEIDEGGER, 2001, p. 245). Assim, buscamos compreender a relação entre *Dasein*, o fenômeno do mundo e da espacialidade e sua inserção no tema da corporeidade. Para Heidegger o mundo é um constituinte do *Dasein*, ou seja, é existindo por meio da ocupação com os outros, junto das coisas e em função de si mesmo que tanto o *Dasein* quanto o mundo se mostram e se deixam ver, como isto ou aquilo. Não se pode pensar o homem (*Dasein*) sem mundo e vice-versa. O mundo se mostra nas possibilidades de ser do homem – possibilidades nas quais ele se vê lançado e que, assim lançado, tende a se realizar. Heidegger nos diz que o mundo é sempre determinado – podemos acrescentar: pela própria finitude do *Dasein*. Esse mundo determinado e finito é o nosso mundo circundante, porque é com ele, com as nossas próprias possibilidades de ser, que nos havemos de ocupar cotidiana e corporalmente o mundo, o nosso mundo. É a partir das ocupações no mundo circundante que tanto a espacialidade do *Dasein*, como a dos outros entes se mostram e se articulam. Segundo nossa hipótese, é no bojo desta espacialidade, ou seja, da *corporeidade*, que a totalidade conjuntural se mostra no *Dasein* como *ser-no-mundo*. Para tal nos serviremos da obra *Ser e Tempo* (1927) como norteador da nossa investigação.

Violencia y Traumatismo: La Metontología y el Aparecer de lo Patológico en Sein und Zeit

Andrés Gatica Gattamelati (PUC-Chile)

En este trabajo sostendré que la fenomenología de Heidegger se apoya metódicamente en una peculiar forma de violencia filosófica. Intentaré mostrar que esta violencia sólo se puede entender como un acto de apropiación en la medida en que la primera y más inmediata fenomenalización del Dasein, la cotidianidad, está lastrada por la apariencia. Esto implicará leer, sin embargo, en los conceptos existenciales, esos conceptos que nombran los caracteres de ser de la existencia o Dasein, una forma peculiar de génesis óptica, que marca el paso dentro de la analítica existencial desde de una privación inauténtica (o apariencia) a una privación auténtica (apropiada violentamente). Esta génesis negativa nos entregará una regla para entender una ambigüedad que afecta al grueso de los existenciales en virtud de su modalización, lo cual a su vez, nos permitirá esclarecer en qué sentido hablamos de mismidad en estos conceptos y de sus posibles modificaciones existenciales sin perder de vista el peculiar tipo de unidad que los caracteriza. Voy a terminar en último lugar proponiendo que esta idea de filosofía esencialmente violenta no sería posible de ser sostenida sino fuera porque la ontología tiene, como dice Heidegger en *Ser y tiempo*, raíces ópticas y existenciales. Intentaré poner de relieve que una investigación profunda en dirección a estas raíces ópticas es lo que llevará a la primera forma del giro en la filosofía de Heidegger: la metontología. Me limitaré sólo a formular esta cuestión en sus aspectos mínimos, recogiendo de modo particular la idea de una restricción inauténtica o patológica dentro de la ontología fundamental como suelo instigador de este giro.

A dor no existir: vivências de crianças em tratamento de câncer

Bruna Ferreira dos Santos

Carolina Moura Dias

Ana Cecília Ferreira

(UNIFRAN)

Conhecida como a doença do século, o câncer atinge todas as faixas etárias e as crianças não fogem desse grupo. Entretanto, estudos revelam a dificuldade em diagnosticar o câncer infantil, pois pode ser confundido com outras patologias que surgem na infância. O diagnóstico precoce e a realização do tratamento adequado podem ser favoráveis ao paciente oncológico, principalmente quando criança, tendo maior índice de sobrevida. As crianças oncológicas, frequentemente, vão ao hospital, o que pode diminuir sua frequência à escola; passam por procedimentos dolorosos e invasivos durante o tratamento; e suas brincadeiras tornam-se limitadas, já que apresentam baixa imunidade. Tais fatores podem afetar diretamente a saúde emocional das mesmas. Portanto, é relevante acolher estas crianças, para que tenham espaço para expressarem o que sentem e vivem, e que assim, possam aproximar-se da situação em que se encontram. Este trabalho teve por objetivo compreender, através de narrativas de crianças oncológicas como estas vivenciaram o processo do adoecimento e tratamento. Realizou-se uma pesquisa de campo, utilizou-se o método qualitativo e os dados foram analisados e interpretados a partir da abordagem fenomenológico-existencial. Essa pesquisa ocorreu no Hospital Regional do Câncer de Passos-MG (HRC) e constituiu-se de crianças, na faixa etária de 5 à 10 anos, em tratamento ativo. No período de investigação, 4 crianças participaram da pesquisa. Foram realizados um encontro com os pais e outros três com as crianças, na brinquedoteca do hospital. Foi possível compreender que, apesar das crianças não conhecerem a gravidade do diagnóstico, estão em contato profundo com a doença pela vivência da dor e dos seus sintomas. E todo o sofrimento envolvido está atrelado aos momentos do tratamento, internação, cirurgia, restrições na rotina. Para as crianças em que o câncer estava agressivo, a vivência do estar doente era uma dolorosa limitação, do não poder ser-no-seu-mundo. Vivenciavam como estando fechadas as possibilidades de uma

alimentação mais diversificada, de brincadeiras, de escola, de passeios, de energia para correr, andar de bicicleta, entre outras atividades. Elas também evitavam comentar os procedimentos do tratamento, havia um esquecimento estratégico. As outras crianças que já estavam próximas à alta, a vivência da limitação era algo passageiro e lidavam com a doença como algo focal, sem uma modificação completa em suas vidas. Há a tolerância da experiência das limitações, quando a rotina do tratamento se transformou em um costume ora muito doloroso, ora um hábito não tão ruim. O hospital, para todas elas, aparece como um lugar desagradável, quando recordam práticas de exames (agulhas), quimioterapia, internações, porém a brinquedoteca é o território agradável, de brincadeira, adorado pelas crianças. Durante o tratamento, algumas crianças, envolvidas afetivamente com os médicos e sua equipe, buscavam aproximar vivências agradáveis dentro do mundo desagradável do adoecimento. Elas procuravam alternativas interessantes dentro do ruim da dor provocada pela doença e pelo tratamento. Durante as brincadeiras, uma criança internada e fragilizada pela medicação, traz o brinquedo se desmanchando; diferentemente de outra, em que os seus movimentos são de descobertas alegres. Nas histórias inventadas pelas crianças o enredo de aprisionamento e libertação, inevitáveis castigos e suas possíveis saídas, invasões, ambientes desejados sentidos como distantes, estavam presentes. A vivência intensa da vida feita no presente, ora plena de dor e fragilidade, ora de energia e vitalidade, permite compreender o quanto criar espaços de expressão do existir das crianças oncológicas parece fundamental.



O medo da morte na contemporaneidade

Bruna Sena Gaino (IFEN-RJ)

Este estudo teve por objetivo compreender a experiência do medo da morte na contemporaneidade utilizando a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. Para tal compreensão apresento reflexões sobre o temor na lida com a morte nos dias de hoje, a dificuldade de diálogo e acolhimento de angústia, as orientações sedimentadas do nosso tempo acerca da produtividade, ocupação e felicidade e, por fim, a morte como a possibilidade da impossibilidade das relações. Embasada pelos conceitos de horizonte her-

menêutico, modo pessoal e impessoal, angústia, medo e ser-para-a-morte abordados na obra “*Ser e tempo*”; e a ideia de era da técnica do seminário “*A questão da técnica*” foi possível compreender o temor da morte e levantar questões presentes na atualidade sobre este fenômeno. O medo da morte na contemporaneidade desvela nossa dificuldade em lidar com a angústia, refletir sobre temas singulares e dar-se conta de que todos os recursos tecnicistas não abarcam os laços afetivos e, em tempo de relações frágeis, perder um ente querido é experimentar um pouco de morte e solidão. É entrar em contato com a fragilidade ou brevidade da existência e das relações humanas.



O que concretamente faz o psicoterapeuta Daseinsanalista

Carlos Eduardo Freire (PUCSP)

Este trabalho procura mostrar qual o lugar da ontologia fundamental de Martin Heidegger, *Ser e Tempo*, no ofício de um psicoterapeuta daseinsanalista. Inicialmente mostra que *Ser e Tempo*, tendo como meta a elaboração das condições de possibilidade da pergunta pelo sentido do ser, nos oferece uma descrição analítica de como o ser-aí é tocado pelo seu próprio ser, não chegando contudo, sequer a resvalar na pergunta pela prática psicoterapêutica. Nesta medida a ontologia será vista como o exercício fenomenológico que irá nos colocar diante do fato de nosso trabalho: o ser-aí e sua angústia originária. A seguir, serão oferecidas algumas indicações de onde retiramos as orientações metodológicas que marcam a proposta de uma psicoterapia daseinsanalítica.

Heidegger e a distinção entre *Körper* e *Leib*

Cleber Ranieri Ribas de Almeida (USP)

A distinção entre os substantivos *Körper* e *Leib* é um dos problemas fundamentais da Antropologia Filosófica Alemã. Ambos, em português, são traduzidos univocamente pelo substantivo *corpo*, porém, designam experiências distintas. Por *Körper* designa-se o *corpo* enquanto objeto empírico-científico de observação, dissecação e exame sistemático. O *Körper* tem disponibilidade biológica, física, química ou médica. Sua percepção depende do treinamento ascético de distanciamento, como ocorre com os jovens médicos que aprendem a controlar seu asco diante do exame anatômico dos cadáveres. O *Körper* designa, portanto, o corpo como uma *coisa*. Como tal, não coincide com a identidade corpórea e sensorial do eu. Contrariamente, é alheio a vivência sensível desta identidade. Como *Körper*, posiciono-me como objeto de auto-observação. Já o substantivo *Leib*, por oposição, denota as experiências sensíveis do eu. Ele admite o caráter teológico, simbólico, poético, emocional e espiritual do corpo vivo. É nessa dimensão corpórea, o *Leib*, que se registram a dor, a alegria, a fé, a vergonha, o amor, e todas as modalidades anímicas, morais e estéticas. Por isso, é o *Leib* quem responde pela dignidade do corpo. O objetivo deste artigo é analisar os fundamentos desta distinção a partir da conhecida confissão de Heidegger nos Seminários de Zollikon: «das Leibliche das Schwierigste ist und dass ich damals eben noch nicht mehr zu sagen wusste“ (Zol, S. 292).»



O sublime como autenticidade para superação do sofrimento

Clécio Luiz Silva Júnior (UFRJ)

Pensar o sofrimento é pensar também as maneiras de superação do sofrimento. A intenção deste trabalho é explorar a possibilidade de superação do sofrimento por meio do sentimento sublime, portanto, circunscrito à questão da Estética. Schiller havia dito em seu ensaio “Sobre o Sublime” que tal senti-

mento cria para nós uma saída do mundo sensível, o que significa dizer de uma liberdade possibilitada ao homem de ultrapassar as determinações da natureza sensível. O sublime é marcado, em sua história, como um sentimento *negativo*, misto, contraditório, diante do qual o homem reconhece sua finitude e inferioridade física. Esteticamente, reside neste gesto o paradoxo do desprazer e prazer. A posição de Philippe Lacoue-Labarthe acerca do sublime sugere uma apresentação *positiva* deste, que consiste em superar, com Heidegger, a estética em direção à ontologia, compreendendo a obra de arte como possibilidade de manifestação de uma existência autêntica. Tal perspectiva não consiste em dizer que o sublime seja uma possibilidade de apresentar o inapresentável, mas dizer que o “sublime é a apresentação disso, que há apresentação”, disso que *acontece*, *i.e.*, o que acontece é a existência em sua verdade, é o ser-no-mundo em sua dimensão histórica. Uma plausível possibilidade de superação do sofrimento se dará, portanto, na medida em que, pelo sentimento estético, o homem alcance sua existência autêntica e se reconheça como *Dasein*, lançado no mundo de escolhas e de liberdade. Através desse conceito – autenticidade – procuraremos aproximar o contraditório do sublime (desprazer/prazer) analogamente às disposições afetivas do sofrimento e da angústia como possibilidade de superação de uma existência inautêntica e determinada.



A dor como experiência da apropriação

Deborah Moreira Guimarães (UNIFESP)

Esse trabalho tem como objetivo abordar o conceito de dor a partir de sua relação com a experiência da morte. Em *O Acontecimento Apropriativo*, Heidegger define o espanto do abismo e o encanto do acontecimento apropriativo como uma dor dupla de caráter inacessível. Dessa maneira, caberá investigarmos a relação entre a dor, como insistência na experiência da apropriação, e a morte, uma vez que esta consiste na consumação dessa insistência. A plena experiência do ser está diretamente atrelada ao caráter abissal correspondente à essência do *Dasein*. É por esse motivo que o ser-ai desconhece a essência da dor, pois esta só é acessível na apropriação de sua totalidade, que só é atingida quando o *Dasein* morre, isto é, quando vem a ser aquilo que não se é.

Heidegger, ontologia fundamental e o problema do corpo

Eduardo Adirbal Rosa (UFSM)

Em *Ser e Tempo* (ST, 1927), obra ainda de seu período fenomenológico hermenêutico, Martin Heidegger pensara a questão do ser em termos de sentido intimamente relacionado com o desenvolvimento de uma analítica da existência humana histórica. Notoriamente, na elaboração desta analítica há uma relutância em abordar a problemática do corpo (*Leib*), algo desde cedo observado por seus críticos – principalmente os fenomenólogos franceses –, os quais descrevem a relação com o problema do corpo em termos de negligência, ausência, omissão, supressão ou simplesmente evitada, algo salientado pelas poucas referências textuais a respeito deste problema. De fato, podemos admitir que Heidegger não apresenta uma explícita e sistemática abordagem sobre a natureza corpórea do que nós somos, mas indica apenas tal questão possui uma problemática própria que não será abordada ali. No entanto, a partir da “lógica” de ST, como podemos entender este adiamento? Há razões para isso? De fato, podemos admitir que o problema do corpo é negligenciado ou omitido, como apontam alguns críticos? Tendo este contexto presente, o objetivo deste trabalho é apresentar e discutir as críticas levantadas à problemática do corpo em ST. Os resultados provisórios sinalizam na direção de que Heidegger não negligenciou a problemática do corpo, uma vez que a mesma diz respeito a concreção fáctica do existir, uma vez que o experimentar da corporeidade pressupõe a estrutura de ser-no-mundo. Além disso, seu projeto de desenvolver uma ontologia fundamental desde a analítica da existência tem como foco desafiar os modelos tradicionais de conceitualização ontológica do existente humano. Neste sentido, sua cautela tem a ver com o tipo de investigação que ele pretende realizar e o que ele pretende pôr em questão, a saber, não somente o modelo dualista cartesiano (corpo-*alma*) o qual recebe tratamentos explícitos em ST, mas toda e qualquer visão “composta” de abordagem do que nós somos (corpo-*alma*-*espírito*). É com isto em vista que Heidegger cunha o termo “*Dasein*”, analisando-o desde a estrutura unitária do ser-no-mundo.

Vulnerabilidade, impotência e sofrimento: Psicologia fenomenológica do “Impasse Vital”

Hernani Pereira dos Santos (UNESP/ASSIS & PUCPR)

Às categorias nosológicas da psiquiatria clássica, baseadas no enquadre de uma somatologia reductiva, a psicopatologia fenomenológica opõe a análise das estruturas do *Dasein* e de sua dinâmica. Neste contexto, um dos aspectos proeminentes desta análise envolve a “dimensão pática da existência” (Minkowski). Baseando-nos, sobretudo, no diálogo com os textos posteriores de Husserl e com as pesquisas de psiquiatras da escola fenomenológica, nosso objetivo é o de fornecer uma análise preliminar da interconexão existente entre os fenômenos da “vulnerabilidade”, da “impotência” e do “sofrimento” à luz da rítmica da existência; e, com isso, aproximarmo-nos da clarificação do sentido que é próprio ao “sofrimento” e à “dor” que são, comumente, qualificadas como “psíquicas”. Em um primeiro momento, o conceito de vulnerabilidade é esclarecido em sua significação que concerne à imprevisibilidade essencial de nossa existência (Maldiney) e, também, às chamadas “experiências traumáticas” (Fuchs). A vulnerabilidade é, de acordo com esta acepção, a condição incontornável de estar aberto ao “estranho” e de ter de abandonar a “habitação” (*Gehäuse*) (Jaspers). Em um segundo momento, a “vulnerabilidade” é analisada enquanto modificação primária da abertura ao mundo – da “afetação” que Heidegger propõe conceituar, em “*Ser e tempo*”, como “*Stimmung*”. Deste ponto de vista, a vulnerabilidade é um modo de estar aberto ao mundo e de lidar com a sua alteridade. Em um terceiro momento, buscamos tratar da “experiência de impotência” para dar conta da vivência de uma interrupção ou barreira à persistência e à continuidade da rítmica da existência. Neste caso, o movimento da existência encontra um impedimento em continuar constante e confiável em sua familiaridade e coerência. Por fim, comentamos a tese de que a pessoa em sofrimento encontra-se diante de um “impasse vital” que é incapaz de resolver sozinha.

Saúde e Doença nos Seminários de Zollikon.

Ida Elizabeth Cardinali (PUCSP)

Apresentaremos os esclarecimentos de Martin Heidegger assim como as observações de Medard Boss presentes no livro *Seminários de Zollikon* (1987/2009) para caracterizar o adoecimento, a saúde e a subsequente prática psicoterápica. Nesse sentido, faz-se necessário refletirmos sobre a sugestão heideggeriana de que a psicoterapia daseinsanalítica consiste em uma hermenêutica exploratória.



As últimas perguntas da técnica, para além do começo, do corpo e da morte: um conto de Isaac Asimov à luz de Heidegger?

Irlim Corrêa Lima Júnior (PUC-Rio)

A proposta deste trabalho é a de interpretar filosoficamente o conto de ficção-científica de Isaac Asimov, intitulado *A última pergunta*, à luz das reflexões de Heidegger sobre a questão da técnica. No conto, a última pergunta, que versa sobre se há como reverter o processo de entropia que conduz o universo para a morte térmica, surge, no ano de 2061, de forma ocasional, e começa a ser processada por um supercomputador, chamado Multivac; a pergunta atravessa gerações, eras, éons, quando, no fim dos tempos, após trilhões de anos, a inteligência artificial, que se alastrou, carregando consigo a consciência humana – pois a humanidade há muito abandonara sua existência corporal para existir virtualmente no Multivac – por todos os cantos do universo, processa e programa a resposta da última pergunta: *fiat lux*, palavras a partir das quais tudo programaticamente retorna ao começo. Remetendo ao relato da Criação em *Gênesis*, conjugar-se-iam aí origem e linguagem, *arqueologia*, como dimensões do ser, mas sob uma radical transformação cibernética, revelando-se uma tendência metafísica de compulsividade da era tecnológica de estabelecer e exercer controle máximo sobre a realidade, em busca de sobresscrevê-la e programá-la desde suas raízes. O questionamento

a que nos propomos abrangerá, a partir disso, três tópicos: 1) como que a luta cibernética contra a entropia e os esforços da metafísica para a fundamentação do real sobre a racionalidade retroativamente projetam origens, a partir das quais se vedam e se abrem novos rumos perigosos na história do ser; 2) de que forma a luta contra a entropia revela-se um dos aspectos mais importantes da recusa humana pela condição ontológica de finitude que marca sua existência, almejando a superação definitiva da morte; 3) como que esta superação da morte requer também a rejeição da condição terrestre, na medida em que no conto a humanidade chega até mesmo a nem mais saber em qual planeta surgiu, mas, além disso, o abandono de sua corporeidade, substituindo-a pelo digital, livre de fronteiras e limites, e, por conseguinte, de sua própria singularidade: ao assumir a decisão de postergar ilimitadamente sua existência integrando-se ao Multivac, a humanidade é subsumida para dentro das programações e dos controles dessa inteligência coletiva.



Dor e Tempo

João Augusto Pompeia (PUCSP)

O mundo mudou nos últimos quarenta anos. Nesse sentido, mudaram as dificuldades, as problemáticas e os motivos que levam alguém à psicoterapia. No entanto, a necessidade de se compreender e assim superar a dor permanecem. Nossa meta é refletir sobre estas transformações na prática psicoterapêutica, destacando os limites e o alcance da ação terapêutica peculiar a cada um destes momentos.

Da situação de *pendência* existencial ao sentido *impendente* da morte na ontologia heideggeriana

João Bosco Batista (UFSJ)

A filosofia heideggeriana em seu primeiro momento, encontra-se contextualizada no âmbito da Analítica que ocupa o cerne enucleador de sua obra prima *Ser e Tempo* (1927). Aí encontramos a abordagem dos elementos essenciais (existenciais) que constituem o *Dasein* enquanto ser-no-mundo. Tal abordagem segue o fio condutor que encaminha o pensamento do filósofo alemão para o tema do ser-para-a-morte como questão primordial de sua “ontologia fundamental”. O nosso trabalho objetiva tratar do tema axial da morte a partir do enfoque fenomenológico-existencial, magistralmente elucidado pelo autor nos parágrafos 46 a 53 de *Ser e Tempo*. A nossa análise interpretativa busca evidenciar a contribuição do tratamento utilizado por Heidegger para o estudo contemporâneo do tema e o diálogo coma as ciências humanas, médicas e comportamentais que se ocupam especificamente da problemática em questão.



Hermenêutica da morte

José Carlos Marçal (DeVry Brasil – FBV)

O objetivo deste artigo é discutir a hermenêutica da morte a partir das concepções de Heidegger e Wittgenstein, valendo-se de aproximações com Aristóteles e Leibniz. A partir destes pensadores é possível estabelecer o sentido existencial, fundante e lógico da morte. Responder à questão “como sabemos que vamos morrer?” é abrir um campo de pesquisa tanto de caráter filosófico quanto psicológico que permitirá vislumbrar de modo mais claro outros sentidos derivados do sentido originário da morte – tais como o sentido da arte, da religião e da noção de imortalidade. O ser-para-a-morte (*Das Sein zum Tode*)– assim como é explicitado em *Ser e Tempo* – possui em si o caráter de existencial, logo reside numa esfera estritamente ontoló-

gica. Entretanto, esse existencial se desentranha ônticamente no mundo, na dinâmica do ser-com (*Mitsein*) que se depara com a morte de outro Dasein. O sentido lógico da morte, portanto, é o seu sentido ôntico. Este sentido é explicitado pela teoria do Silogismo como a conhecemos nos *Analíticos* de Aristóteles. Mas é preciso se questionar: como se opera essa analogia e esse reconhecimento incontrovertível? Na proposição 6.4311 do seu *Tractatus-Logico-Philosophicus*, Wittgenstein afirma que a “morte não é acontecimento da vida” (*Der Tod ist kein Ereignis des Lebens*). Apesar de seguir a compreensão heideggeriana, essa afirmação precisa ser explicitada, uma vez que é no horizonte da possibilidade real e concreta da morte que se dá muito da dinâmica social do ser humano. Leibniz, na sua *Monadologia*, proposição 20, afirma que experienciamos um estado em que não nos recordamos de nada, onde “nem temos qualquer percepção distinta” (*où nous ne nous souvenons de rien et n’avons aucune perception distinguée*). Este estado de sono sem sonho e sem recordações possui alguma referência com o sentido originário e, portanto, não lógico e ontológico da morte? Acreditamos que sim. Acreditamos que é possível conectar o ser-para-a-morte de Heidegger e sua dinâmica ôntica (via Aristóteles) com o nada indicado por Leibniz: unindo a um só tempo a esfera ontológica – originária – da morte com sua esfera ôntica, de caráter lógico.



O que pode o corpo no tempo do Niilismo?
Heidegger e Nietzsche em direção a superação do corpo
como imagem e a possibilidade de uma “fenomenologia
da corporeidade”

Luciana da Costa Dias (PPGAC/UFOP)

Iremos discutir alguns elementos que possibilitam pensar a questão do corpo na época contemporânea, tendo como matriz conceitual o pensamento heideggeriano em seu diálogo com Nietzsche, que Heidegger toma como autor-chave para a compreensão da época atual, a qual entende como Niilismo e acabamento da metafísica. Se há um certo clichê em pensar o niilismo à luz da proclamada “morte de deus”, um ponto menos discutido se mostra no viés daquilo que Nietzsche denomina, em *Assim falava Zaratustra*,

ao falar do “último homem” (o homem do niilismo), de “os desprezadores de corpos”. Pensar esse desprezo no corpo dentro da tradição ocidental e seu esgotamento, articulando esta problemática com alguns conceitos que emergem no pensamento heideggeriano em textos como *A época das imagens do mundo*, *Contribuições para a Filosofia* e também nos textos sobre *Nietzsche* (todos cronologicamente próximos) temos uma possibilidade de pensar o corpo não só dentro da tradição, como imagem e representação mas, sobretudo, de lançar o questionamento acerca do corpo para além das determinações metafísicas (e de seu desprezo “dicotômico” pelo corpo), em direção a possibilidade de uma fenomenologia do puro acontecer da poesia no e para o corpóreo.



O conceito de angústia e nossos medos nas obras de Heidegger e Gadamer: algumas considerações

Luis Marcos Ferreira (UNESP-Marília)

O objetivo desse trabalho é apresentar algumas considerações sobre o fenômeno da “angústia” na obra do filósofo alemão Martin Heidegger na sua «analítica existencial» em *Ser e Tempo* e possíveis desdobramentos e questionamentos do tema “angústia e ansiedades” na obra de H.-G. Gadamer. A partir dessas obras refletir sobre a compreensão das nossas angústias e medos e do Ser-aí temeroso e fragilizado no enfrentamento do desequilíbrio da saúde e da possibilidade, com isso, de angustiar-se. Nesse sentido, a análise busca refletir sobre angústia e medo vivenciados pelo Ser que deve ser pensado como um projeto a se realizar. Nisso decorre a reflexão sobre questões relacionadas à morte e uma das angústias humanas: a doença.

O existencial disposição

Luise Krahl Krause (Puc-Rio)

A disposição (*Befindlichkeit*) é apresentada em *Ser e Tempo* como um existencial. Trata-se de uma estrutura descritiva de caráter situacional, referida a uma condição prévia de anunciação do *Dasein* si mesmo, não no sentido de auto-reflexão, mas de encontrar-se de uma ou outra maneira, modulado em uma tonalidade afetiva. Nestes termos, Heidegger se contrapõe enfaticamente ao linguajar dos sentimentos, que estabelece considerável distância entre o homem e seus estados de alma, distância esta que permitiria ao sujeito um acesso transparente, discursivo, a seus humores. A disposição, diferentemente das emoções, não diz respeito a modos de perturbação psíquica, mas a um aspecto fundamental de resiliência do *Dasein*, tipo de sustentação do fato de que, estando entregue ao mundo, simultaneamente ele se mantém concernente ao próprio ser, ainda que incompleto em sua compreensão de si. Posteriormente, o termo perderá centralidade e o autor passará a utilizar principalmente a denominação tonalidade afetiva (*Stimmung*) para tratar dos estados de ânimos, concedendo privilégio ao tédio e sobretudo à angústia. O primeiro será descrito como uma espécie de vacuidade indiferente ao ente, mostrando-se este em sua totalidade como que homogêneo, propiciando o desencobrimento do tempo, enquanto a segunda como estranheza originária, suspensão na indeterminação, insistência da ameaça da morte. Realizaremos uma interpretação acerca das disposições da angústia e do tédio, discutindo a relação entre estranheza, singularização e corporeidade. Enfatizaremos às breves menções ao desdobramento de tais disposições em sobriedade, e em contraponto traremos à discussão aspectos da leitura heideggeriana da embriaguez proposta por Nietzsche como estado artístico patológico por excelência, e a recuperação, neste contexto, da ideia kantiana de desinteresse. Pelo fio condutor da estrutura da disposição, procuraremos mostrar a parcimônia de Heidegger em abordar os afetos em oposição ou conjunção ao corpo como maneira de atestar a irredutibilidade do homem à pulsões e reatividade.

A intermitência do entre e a contundência da dor na clínica inspirada pelo pensamento de Martin Heidegger

Maíra Mendes Clini (FMU)

O pensamento de Heidegger foi revolucionário quando se aproximou das ciências humanas em geral, principalmente quando tocou a psicologia. Esse trabalho tem como objetivo pensar a clínica psicológica de inspiração heideggeriana, aqui chamada de psicologia fenomenológico-hermenêutica, a partir de meditações que trazem para o seio do debate ideias do segundo heidegger. É incomum que a psicologia fenomenológica, em geral, considere o que foi escrito por Heidegger após a década de 30 para inspirar o fazer clínico, pois a maior parte dessas correntes tem como foco central a obra *Ser e Tempo*, de 1927. A proposta do presente trabalho é apresentar pontos do pensamento do segundo Heidegger que possam inspirar a prática clínica, principalmente seus escritos sobre arte. Assim, a partir de ideias como terra e mundo, espaço e fenda, discutiremos o acontecer clínico à luz da busca pela verdade do ser.



Heidegger: Liberdade e Finitude

Marcelo Vieira Lopes (UFSM)

O objetivo do presente trabalho é analisar a relação entre a noção de liberdade no pensamento de Heidegger até os anos 1930, a partir do desenvolvimento da noção de possibilidade. Para além desta, tomamos a noção de finitude, assumida como a vinculação e desvinculação de comportamentos intencionais. Assim, busca-se explicitar no decorrer do trabalho a interrelação desses conceitos. Ligada a uma concepção estrita de finitude, tomada em termos da desvinculação e vinculação na estrutura do projeto e da facticidade, busca-se mostrar como a concepção de Heidegger acerca da liberdade é uma constituidora essencial do ente humano. Esta, por sua vez, encontra-se intimamente ligada com a finitude de suas possibilidades. Possibilidades desde sempre pertencentes ao ente tematizado na analítica existencial e em escritos posteriores à *Ser e Tempo*. A partir da ligação essencial entre os dois

conceitos explicita-se ao mesmo tempo sua complementaridade, juntamente com o papel desempenhado por estes na análise do ente cujo modo de ser é constituído pela existência. Assim sendo, o foco do trabalho busca explicitar as relações que se mostram na estrutura da liberdade enquanto possibilitadora da vinculação e desvinculação existência, explicitando assim a dimensão de finitude do comportamento intencional humano.



Solo Metafísico como Fundamento às Ciências

Márcia Guimarães Rivas (Unicamp)

Percorrer o trajeto da superação metafísica heideggeriana como crítica à entificação do ser. Mostrando, como consequência, a problemática da diferença ontológica que reivindica a retomada da questão do ser, com o intuito de se alcançar um solo metafísico que sirva de base aos fundamentos das ciências. Questão fundamental para se pensar uma antropologia filosófica sob um novo ponto de vista, não mais determinista, mas a partir do Dasein.



Nada e Angústia na Preleção de 1929 de Martin Heidegger – Que é Metafísica?

Marcos Silveira Aranguiz (UEER)

Neste trabalho, pretende-se realizar um questionamento do nada como uma interrogação metafísica. Isto será feito por meio de uma análise da preleção de verão *was ist Metaphysik? (Que é Metafísica)* de 24 de julho 1929 proferida (e publicada no mesmo ano) por Martin Heidegger em sua aula inaugural pública ao assumir no lugar de seu mestre (**Edmund Husserl**) a cátedra de Filosofia em Freiburg. Ao questionarmos o nada, necessariamente haverá também uma análise da disposição fundamental da angústia – tema que esteve entre aqueles que provocaram mal-entendidos – como possibilidade de manifestação do nada, e posteriormente, da transcendência gerada

pela suspensão do ser-aí dentro do nada, assim como algumas possíveis conclusões que decorrem desta abordagem, situando-a na analítica fenomenológica/existencial heideggeriana, que visa recolocar o sentido do ser em detrimento do esquecimento do mesmo provocado pela metafísica ocidental.



Corpos esculturais: a relação entre o fazer-se corpo e o vazio a partir de Heidegger e Rodin

Maria Priscilla Coelho (PUC-Rio)

A partir da escultura, “Catedral”, de Rodin, pretendo investigar a experiência da corporeidade à luz das considerações que Heidegger apresenta em “Sobre a Madonna Sistina” e em “Arte e espaço”. Neste primeiro texto, Heidegger tematiza a encarnação, o ‘tornar-se homem de Deus’ enquanto um fazer-se corpo, em sua relação com a verdade como alétheia. No segundo, ele afirma que “a verdade enquanto desvelamento do ser não se dá apenas nem necessariamente como in-corporação”. Pretendo pensar a relação entre este fazer-se corpo e o vazio e a escuta do *logos* enquanto um *homologein*. Almejo também refletir em que medida esta relação tenciona o que Heidegger chama de *Altar-Bild*. Enquanto lugar em que se celebra um ofício sagrado, que não deixa de ser um sacrifício, uma *Altar-Bild* é perpassada por uma dor. Em um mundo marcado pela técnica e o esquecimento do Ser, moldar corpos a partir de um sintonizar-se com o vazio que os constitui parece soar a gravidade de uma subversão.



Em que sentido *Befindlichkeit* diz o ser do humor?

Marília Mendonça de Souza Leão Santos (UFPE)

Este estudo científico-filosófico visa a discutir um dos pontos fulcrais da hermenêutica fenomenológica dos humores radicada no §29 do tratado “Ser e Tempo” (1927), a saber: o liame entre a *disposição afetiva* [*Befin-*

dlichkeit], possibilidade existencial do ser-aí, e o *humor* [*Stimmung*], fenômeno correlato em sentido existenciário. Ao assinalar, na sentença que dá início à análise da afetividade, que aquilo que se *indica* com o uso fenomenológico-hermenêutico do termo disposição *é*, por todos, o mais conhecido e o mais cotidiano dos fenômenos da vida fática, o estado de ânimo, ou, mais precisamente, o *estar sintonizado com um humor*, M. Heidegger ainda não esclarece, de maneira decisiva, a ligadura entre tais fenômenos, que, por força da linguagem, parecem, ao menos a princípio, ser cindidos em âmbitos distintos, com os caracteres, respectivamente, ontológico e ôntico. Com efeito, um levantamento bibliográfico da literatura dedicada ao tema, apresentado em um primeiro momento, demonstra – e com boas provas documentais – a razoabilidade de admitir que a relação entre a disposição e o humor se deixa entender a partir da diferença ontológica, de modo tal que a disposição afetiva é uma estrutura existencial fundamental do ser-aí que *precede e perfaz* os humores [*Stimmungen*]; sua ligadura consiste, pois, no fato de ser a disposição afetiva *transcendente*, ou ainda, *condição pré-ontológica* para que fenômenos ônticos como as afecções, a cognição, a percepção sensível e os humores venham a ser. Tal acepção destes fenômenos, na medida em que lança mão da compreensão dos humores como fenômenos derivados de uma estrutura ontológica *a priori*, se encontra enleada à interpretação da ontologia fundamental nos termos de uma variação fenomenológico-hermenêutica do modelo filosófico transcendental. Na contracorrente desta – quase hegemônica – chave de leitura, encontra-se a interpretação da fenomenologia hermenêutica como uma *práxis terapêutica da faticidade*; perspectiva na qual a ontologia fundamental vem à luz não como discurso teórico-filosófico *sobre* a existência mas como discurso formal-*indicativo* que *avia o existente para uma sempre possível apropriação compreensiva de si mesmo*. A hipótese que norteia o presente trabalho é a de que a chave de leitura alternativa pode aclarar a, para mim, intrigante ligadura entre disposição e humor. A fim de demonstrá-la e poder, então, tirar suas devidas consequências, contemplo – sobretudo em virtude da impossibilidade do uso categorial da linguagem para expressar fenômenos concernentes aos entes cujo modo de ser é existência e não mera-presentidade – a compreensão dos conceitos fenomenológicos como *indicações formais* [*formale Anzeigen*]. Cabe mostrar que – se compreendida em seu uso formal-indicativo, isto é, que não expressa qualquer conteúdo quididativo de objetualidades ou de estados de coisas – a disposição não remeterá a um caractere universal do ser-aí e nem tampouco a uma condição transcendental *a priori* na qual se

esteiam os humores. O que há de ontológico no conceito fenomenológico de disposição é a indicação do que cada humor **é**, ou seja, seu ser: *um modo de abertura*. **Às expressões existenciais** corresponde nada. As expressões existenciais apenas indicam fenômenos, cuja modalidade é a da possibilidade; existência: poder-ser.



Indicações heideggerianas para a psicologia

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UNIP)

Esta comunicação baseia-se em minha tese de doutoramento, na qual tematizo as influências de Martin Heidegger para a Psicologia e para a compreensão do sofrimento chamado de psíquico. Na literatura psicológica, a psicologia fenomenológica existencial aparece em modalidades de prática muito distintas entre si. A confusão é grande também no que tange as abordagens teóricas psicológicas que se denominam fenomenológicas e/ou existenciais: Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), Gestalt-Terapia, Daseinsanalyse, Análise Existencial. Na busca da fenomenologia de Heidegger na psicologia, é necessário 1) realizar um estudo teórico sobre a recepção da fenomenologia de Heidegger pela Psicologia; 2) propor um questionamento do modo como a Psicologia baseada nesse filósofo tem sido apresentada; 3) explicitar possibilidades que a ontologia heideggeriana abre para a psicologia; 4) questionar o estatuto científico da Psicologia; 5) apresentar minha prática como psicólogo nas áreas de psicoterapia, plantão psicológico e supervisão clínica. Essas discussões contribuem para a dissolução da confusão no campo das psicologias fenomenológicas, existenciais e humanistas, assim como para a formação de profissionais que lidam com o outro como existência. As psicopatologias são, neste contexto, interpretadas como modos de ser-no-mundo realizando a condição ontológica de ter-que-ser. Aquele que lida com a psicopatologia é igualmente existência, de modo que precisa assumir sua própria condição de ser-possível para aproximar-se do outro e buscar o sentido de seu sofrer.

A inviabilização do sofrimento na era da técnica

Paulo Cesar Gil Ferreira Júnior (UERJ)

Interrogar-se-á por meio desta apresentação o modo como o homem contemporâneo tem se apartado da dor. Pode-se até mesmo dizer que os procedimentos cada vez mais invasivos da medicina não são exatamente fruto de uma evolução linear no tratamento e prevenção de moléstias, antes disso, eles são muito mais ensejados por uma projeção de controle técnico, que se antecipa com relação a qualquer identidade pessoal. Em vista disso, torna-se urgente resgatar alguma possibilidade de relação do homem com a própria dor e, portanto, consigo mesmo enquanto humano. Conceitos como os de contenção (*Verhaltenheit*) e serenidade (*Gelassenheit*) na filosofia de Heidegger abrem uma possibilidade de confrontação radical com o cada vez mais consolidado primado da técnica com relação ao cuidado nas ciências médicas. Neste sentido, a ideia é avançar para uma noção de identidade que se nutra da alteridade constitutiva e condicionante de sua própria realização.



Intimidade como método clínico: ensaio de fundamentação de uma psicologia fenomenológica e hermenêutica

Paulo Roberto Reimão Machado (Instituto Dasein)

A presente comunicação é uma reconstrução dos principais aspectos de minha tese de doutoramento em Filosofia em curso (finalização) na Universidade de Évora/CAPES. O trabalho em questão situa-se no âmbito da psicologia fenomenológica e hermenêutica de orientação heideggeriana e tem como proposta a compreensão da intimidade como uma tonalidade afetiva fundamental. Mais exatamente, a tonalidade cujo despertar propicia o cuidado responsabilizador, apresentado por Heidegger em *Ser e Tempo* como um modo de ser-com que, dito de modo panorâmico, acolhe sem substituir nem se afastar. O cuidado clínico assim compreendido, portanto, apenas pode acontecer como o despertar da tonalidade afetiva fundamental da

intimidade no espaço clínico. Somente a partir dessa tonalidade abre-se um modo de ser-com em que a insistência em determinados posicionamentos prévios privativos na lida circunvisiva, que tanto radicalizam o encurtamento das possibilidades existências, tornam-se obsoletos, desnecessários e caem em desuso. A tese, finalmente, é a de que o espaço íntimo afina o ser-aí de modo a não mais precisar de determinados modos encurtados de ser, modos estes marcados por posicionamentos prévios com vistas a pseudo-controles. O espaço íntimo, portanto, como lugar para o ser-aí enquanto tal, não é uma casa para entes (simplesmente dados), mas *innan*, morada, acolhimento.



En la espera del preciso momento uno se aburre:
Heidegger, Kairòs y el dolor de existir

Reynaldo Padilla-Teruel (Universidad Carlos III de Madrid)

En su lección titulada *Los Conceptos Fundamentales de la Metafísica: mundo, finitud, soledad*, Heidegger afirma que “el aburrimiento sólo es posible en general porque toda cosa, como decimos, tiene su tiempo.” Si cada cosa tiene su preciso momento, tal como sentencia Heidegger, aquí se exponen dos implicaciones que tendría tal aseveración. Primero, se examina el aburrimiento como aquello que se produce en tanto se espera porque cada cosa sea en su preciso momento. Segundo, se reflexiona sobre lo que aquí llamamos “dolor existencial”; esto es la añoranza que se sufre a causa de que las cosas sean a su propio tiempo y no al nuestro; de que las cosas no sean justamente aquí en nuestro ahora cuando las deseamos o necesitamos. De esta forma, se presenta la tesis de que el aburrimiento puede ser entendido como aquello que da paso al dolor existencial mediante la espera. El aburrido espera por el preciso momento de algo del cual se presume que disipará el aburrimiento que se vive y experimenta. La manifestación del tiempo en este esperar no necesariamente es en su forma de transcurrir en momentos sucesivos que auguran la cercanía de aquello por lo que se aguarda, sino que se manifiesta en una *kairológia* o *kairosofía*. Esto es el tiempo “interno” de aquello que contiene en sí mismo su propio devenir. Entonces, la espera por el momento preciso de algo se torna en un aguardar *kairológico*.

Sobre o problema do corpo em Heidegger

Rodrigo Rizério de Almeida e Pessoa (EBTT- IFBA)

Em sua obra mais conhecida, *Ser e Tempo*, Heidegger decompõe a existência em seus existenciais constitutivos, fazendo ver o ser do homem enquanto ser-no-mundo. A constituição do ser-no-mundo se propõe a ruptura da metafísica da subjetividade e, interpretando agora a existência a partir do conceito de transcendência, torna caduco todo discurso acerca do interior do homem. Existir é sempre ek-sistir, é sempre estar fora. Em todo esse debate, seria de se esperar que Heidegger dissesse algo acerca da corporeidade, e não obstante, em *Ser e Tempo* muito pouco é dito sobre isso. Entretanto, apesar da ausência de uma discussão temática sobre o corpo em *Ser e Tempo*, os existenciais elencados aí, especialmente a espacialidade do *ser-em*, tornam possível afirmar que o ser-no-mundo é essencialmente determinado pelo corporar do corpo. Cumpre, portanto, questionar como deve ser pensado o corpo enquanto constituinte essencial do Dasein, para além do que sobre o corpo disse a tradição metafísica. Com efeito, tradicionalmente, desde ao menos Platão e atravessando em seguida o cristianismo, o corpo é considerado mau ou pecaminoso, obstáculo na busca da alma por conhecimento ou santidade. A modernidade, de um lado, dessacralizou o corpo, mas de outro, tornou-o mero *objeto* entre outros passíveis de cálculo e mensuração. Heidegger, ao contrário, chama a atenção para a necessidade de questionar o corpo para além da limitadora perspectiva da ciência, que o compreende apenas em seu aspecto físico-químico. Assim, cumpre ter presente a distinção entre corpo e corpo material, bem como a compreensão da essência humana enquanto essencialmente corporal, superando dessa forma a dualidade tradicional entre corpo e alma e interpretando o ser do homem segundo uma concepção unitária.

Morte: um perigo que torna preciosa a vida

Vânia Lúcia Kampff (PUC-Rio)

Nossa comunicação busca, a partir dos escritos de *Ser e Tempo* e *Que é Metafísica?*, de Martin Heidegger, analisar a possibilidade de uma relação autêntica com a morte. A morte, que só pode ser pensada em seu caráter existencial, é, por assim dizer, o ser-para-o-fim do *Dasein* e, assim sendo, ela é a possibilidade do *Dasein* não mais ser-no-mundo. Trata-se da “possibilidade de uma impossibilidade”, da impossibilidade de existir. Na medida em que o *Dasein* compreende antecipadamente que o não-poder-ser se põe em seu horizonte e que a morte delimita a sua existência - essa compreensão autêntica e projetada de um si mesmo finito abre e intensifica de forma determinante a experiência de um poder-ser em sua totalidade, e é a partir daí que o mundo surge, irrompe e emerge em todo o seu esplendor e beleza. É, pois, na radicalidade dessa experiência, que entendemos a possibilidade ontológica do poder-ser-mais-próprio que, em última instância, a morte traz.



Corporeidade e coexistência, radicais do pensamento? –
considerações a partir de Heidegger e Merleau-Ponty

Vânia Vicente (USP)

Como pensar a relação entre corporeidade e pensamento? Aliás, por que referir-se à corporeidade e não ao corpo? Será porque, como nos dirá Heidegger em seus *Seminários de Zollikon*, o *corpo corpora*, isto é: o ouvido ouve, os olhos veem, as mãos tateiam, os pés percorrem mundos... e nisto instaura relações, desencadeia movimentos, origina ação? Se é isto, então ao dizer corporeidade já estamos designando um certo sentido de poder ao corpo? Poder ser? É como corpo que somos? Mas o que pode o corpo? E, ainda, num registro de atenção ao lugar originário do pensamento, o que poderia um pensamento assentado no corpo? Com sua fragilidade, sua queda para tudo sentir e, com isso, sua disposição para o transtorno, para o prazer que dispersa, para as dores que aniquilam; com o seu peso, sua tendência para baixo,

sua lembrança – sempre renovada – de um certo fim? Como fonte, o corpo nos estende a uma multiplicidade impossível de redução. Mostra-nos, porque é dela testemunho, na radicalidade da *coexistência* – e é este o seu outro legado: sensível que é, mostra-se a si mesmo sempre no crivo da existência de outros, posto que ao tocar é tocado, ao ver é visto, seu estatuto é a relação – um corpo nunca é só. A coexistência é traço ontológico que sugere a situação ética do ente que pensa, que investiga a verdade. Haverá, pois, uma ética implícita no curso de uma efetiva conduta interrogativa que tome como solo o corpo e a coexistência? Isto é: numa filosofia radicada aí? No curso desta palestra, buscar-se-á adentrar a estas questões tomando-se como referência algumas intersecções entre os pensamentos de Heidegger e Merleau-Ponty.



A antecipação da morte como phronesis em Ser e Tempo de Martin Heidegger

Waldyr Delgado Filho (PUC-Rio)

Em *Ser e Tempo*, Heidegger denomina “antecipação” [*Vorlaufen*] à postura propiciada por um reconhecimento de nosso ser-para-a-morte. Quando me projeto à luz de minha própria finitude, posso com isso ressignificar a vida, envolvendo minhas escolhas e prioridades. O ser-para-a-morte delinea a estrutura futural do *Dasein*, permitindo uma perspectiva sóbria sobre a existência. Contrapondo-se a um mero “espírito de vingança” contra o tempo, no qual ficar-se-ia remoendo sobre o inevitável finamento, tal reconhecimento é um ato de decisão, em que o *Dasein* toma a si mesmo como tema, e decide escolher ao invés de deixar-se levar pela impessoalidade cotidiana. Essa postura fundamental em que o *Dasein* pode aprender a se ver genuinamente, tornando-se transparente para si mesmo, pode-se admitir, significa conduzir um projeto existencial orientado por uma sabedoria prática ou *phronesis*. No entanto, uma vez que o *Dasein* está exposto ao fechamento e ocultamento estruturais ou a uma recusa original do ser à plena inteligibilidade, conduzindo-o à comoção e ao desnorreamento, a atitude fundamental de *phronesis* deve permitir ao *Dasein* o despertar e o perseverar de um pensamento meditativo enquanto *abertura ao mistério*, ou “para o âmbito daquilo que se oculta a nós, e se oculta justamente ao se aproximar.” (*Serenidade*).

